



LIDERANÇA E EMPREENDEDORISMO

A trajetória de conquistas
da Associação dos Jovens
Empreendedores de Tubarão

ELKE SCHUCH



Editora Unisul



Associação dos Jovens Empreendedores de Tubarão





LIDERANÇA E EMPREENDEDORISMO

A trajetória de conquistas
da Associação dos Jovens
Empreendedores de Tubarão

ELKE SCHUCH

 **AJET**

bellacotton®



Editora Unisul

UNISUL
UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

REITOR

Sebastião Salésio Herdt

VICE-REITOR

Mauri Luiz Heerd

EDITORA UNISUL

DIRETOR

Laudelino José Sardá

ASSISTENTE EDITORIAL

Alessandra Turnes Soethe

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Amaline Mussi

COORDENAÇÃO DE PROJETOS NACIONAIS

Deonísio da Silva

AVENIDA PEDRA BRANCA, 25. FAZENDA UNIVERSITÁRIA PEDRA BRANCA
88137-270 - PALHOÇA SC
Fone (48) 3279-1088 - Fax (48) 3279-1170. editora@unisul.br

REVISÃO

Amaline Mussi

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Officio (officio.com.br)

-
- S41 Schuch, Elke, 1976-
Liderança e empreendedorismo : a trajetória de conquistas da
Associação dos Jovens Empreendedores de Tubarão - AJET / Elke
Schuch. - Palhoça : Ed. Unisul, 2016.
140 p.: il. color. ; 21 cm
ISBN 978-85-8019-167-7
1. Empreendedor. 2. Administração de empresas - Tubarão (SC)
- História. I. Associação dos Jovens Empreendedores de Tubarão.
II. Título.

CDD 21. ed. - 658.409

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária da Unisul

APRESENTAÇÃO

O ANO ERA 1988. A frase que mais se ouvia por aqui era “Tubarão é a cidade da Latinha”, local que, aos poucos, ia perdendo suas empresas e a representatividade política. Era evidente a baixa estima, o trauma da enchente 74 e a pouca cultura empreendedora. Mudar isso, segundo alguns, era vital para o futuro, e acreditávamos que, através da união de esforços e ideias, seria possível.

Gerar riqueza e estimular novas empresas parecia uma de nossas maiores vulnerabilidades, assim ficou claro que estar junto a uma entidade empresarial ou criá-la seria o ideal para estas discussões.

Podem me questionar por que não víamos na ACIT e na CDL a resposta aos nossos anseios, e respondo que nossa impulsividade juvenil e o conservadorismo daquelas entidades, na época, nos levaram a escolher o caminho da criação.

Oito foram os jovens que se debruçaram sobre papel, caneta na mão, por mais de seis meses, para criarem as regras e o estatuto que atendessem as expectativas. O princípio era de que todo jovem com mentalidade empreendedora, participando do dia a dia de uma empresa, independente de tamanho, seria bem-vindo.

A Ajet ensinou muito a todos nós. Precisaríamos aprender a nos comunicarmos. Que observar os casos de sucesso é um atalho. Que os problemas regionais também são nossos e que viajar

para ir a feiras, seminários, visitas técnicas não é custo e sim, investimento. Ensinou que realmente a “união faz a força” e que a política partidária que tanto criticávamos é vital para qualquer estratégia de desenvolvimento.

Da construção do púlpito para as nossas reuniões. Da FISA, no Chile, às discussões das prioridades regionais. Da participação de entidades locais, nacionais, à eleição de um candidato a prefeito, grandes foram e são os desafios vividos desde então.

O Aeroporto Regional Sul Humberto Bortoluzzi, em Jaguaruna; o roteiro turístico SerraMar; a criação do Conselho Político Empresarial para o Desenvolvimento da Região; o Programa Santo de Casa Aqui Faz Milagres; a criação de instituições como a Casa do Microcrédito e a Sicredi Sul Catarinense, todas estas e tantas outras ações e pautas carregam o DNA da Ajet.

“Tempo é dinheiro.” Parafraseando Benjamin Franklin na expressão que, por anos, tem sido a inspiração dos nossos vizinhos norte-americanos, lembro que, por aqui, onde ser empresário é quase um pecado, parece que a sociedade acredita que esta frase também monopoliza as pautas das reuniões de entidades empresariais.

Os exemplos de ações citadas acima e muitos outros dão, a meu ver, a certeza, a segurança de afirmar que estas associações empresariais, independentemente de sua natureza, contribuem para o bem-estar social como poucos agentes dentro das sociedades, e o momento atual, no qual Tubarão conquistou novamente o respeito como polo regional, reflete que algo mudou de 1988 para cá.

Fazer parte desta história é um dos meus maiores orgulhos. Saber que somos uma das mais antigas associações de jovens empresários do Brasil, ser referência para o fortalecimento do movimento estadual e acompanhar o interesse, o profissionalismo e o

respeito que as novas gerações dedicam à nossa Ajet, é um presente para nós, fundadores, que a olhamos como quem olha a um filho bem-sucedido.

As linhas a partir daqui contam com detalhes esta história, e nós ficamos na torcida para que ela contagie e incentive a todos sobre a importância de participar do Associativismo.

Glauco Caporal Fernandes

SÓCIO-FUNDADOR E EX-PRESIDENTE DA AJET

PREFÁCIO

ESCREVER SOBRE A AJET, ouvindo de perto os que participaram e, ainda assim, deixando de abranger todos os que colaboraram, foi um grande desafio. Quase como contar a história de várias pessoas ao mesmo tempo, pois cada um que tem seu nome registrado nas atas das inúmeras reuniões que esta associação realizou, tem, de alguma maneira, sua história ligada à Associação.

A responsabilidade de retratar a realidade o mais fiel possível, papel do jornalista, esteve presente do começo ao fim desta experiência, e posso afirmar que também me inspirou, provocou e informou um pouco mais.

Apesar de conviver com a Ajet por mais de quinze anos, pela história profissional e pessoal que tenho com o associativismo, foram-me revelados aspectos dessa história que eu desconhecia. Além de parar para refletir sobre as diferenças entre as gerações, especialmente depois da década de 90, na Ajet pude perceber, mais uma vez, que os desafios fazem parte do processo quando um grupo de pessoas se reúne com o mesmo objetivo, e que estes desafios são capazes de confrontar, de tirar do lugar de inércia e de agitar as águas, os mesmos que trazem crescimento, maturidade – a maturidade necessária – quando se quer galgar lugares diferenciados na história.

E quando me refiro a isso, não falo necessariamente de estar em evidência, mas que, ainda nos bastidores, as pessoas podem

ser essenciais, cumprindo seu papel, aprendendo, errando, corrigindo, mas sempre persistindo.

Espero que esta leitura seja apreciada além de suas características técnicas. Desejo que ela desperte nas pessoas novas ideias, novas ações. Que este livro seja um marco de ciclos que se abriram e se fecharam na Associação Jovem, mas que, sobretudo, os leitores possam perceber a paixão que não se consegue expressar em palavras, que consigam perceber o sonho e, mais uma vez, sintam-se motivados, inspirados a continuar este movimento associativista jovem, valorizando quem sempre caminhou até aqui e prosseguirá diante dos desafios que sempre virão.

Aproveito para agradecer. Primeiro, a confiança da nova geração de ajetianos, que me abriu a oportunidade de experimentar a jornada que se faz, quando se escreve um livro. A responsabilidade grande se deve à proporcional expectativa quanto a este material. Registrar o legado de jovens de espírito jovem tem seus desafios.

Agradeço a paciência: afinal compilar tantos depoimentos, percepções, registrar as diferenças entre as gerações do modo mais fiel possível, exigiu tempo.

Agradeço também, de modo muito pessoal, familiares, amigos, colegas que contribuíram de maneira singular para que este trabalho pudesse ser concluído. Inevitável vir à memória os momentos de tempo investido para que as palavras combinassem entre si, para que a percepção fosse a melhor possível.

E como não poderia deixar de ser, agradeço a Deus. Sem fé, sem a crença e a confiança de que a capacitação para elaborar um trabalho complexo e desafiador vem dele, este desafio se ampliaria ainda mais.

*A semente e o legado:
um sonho que se realiza
continuamente, um estímulo
para as próximas gerações*

Introdução	15
------------	----

CAPÍTULO I

De conversas entre amigos, surge uma associação	19
---	----

De pais para filhos	21
---------------------	----

As primeiras reuniões	25
-----------------------	----

Sócios-fundadores	27
-------------------	----

A Ajet na prática: da criação às primeiras ações	28
--	----

Políticos e políticos apartidários	30
------------------------------------	----

Desafios e benefícios de ser jovem	31
------------------------------------	----

Lugares e pessoas	33
-------------------	----

CAPÍTULO II

Formando lideranças	37
---------------------	----

De jovens empreendedores a líderes de entidades	39
---	----

A abertura para outras entidades	41
----------------------------------	----

Ingressando no meio político	47
------------------------------	----

Imagens	51
---------	----

CAPÍTULO III

A AJET e a expressividade estadual	61
------------------------------------	----

De Tubarão para Santa Catarina	63
--------------------------------	----

Ajetianos que integraram o Cejesc	70
-----------------------------------	----

AGOs – participação ativa	72
---------------------------	----

CAPÍTULO IV

Uma entidade jovem amadurecendo	75
---------------------------------	----

Evento irreverente jovem	79
--------------------------	----

Clima de cooperação	80
---------------------	----

De empresarial a empreendedora	81
--------------------------------	----

Planejamento estratégico	83
--------------------------	----

CAPÍTULO V

Frutos do associativismo	91
--------------------------	----

Consciência e combate à carga tributária	94
--	----

Tubaronense legítimo	95
----------------------	----

Gastronomia para executivos	98
-----------------------------	----

Natal Solidário	99
Voz única	100
Ouvindo a voz da experiência	101
Jovens “sangue bom”	102
Café Político	102

CAPÍTULO VI

Os novos tempos	105
Uma jovem de quase 30	107
Nova cara, novos ventos	109

CAPÍTULO VII

Ex-presidentes	111
Jefferson Medeiros Brunato	113
Marcelo Gonzaga Rocha	114
Luiz Antônio Botega	115
Glauco Caporal Fernandes	116
Murilo Ghizoni Bortoluzzi	117
Luiz Fernando Corbetta	118
Rodrigo Lapolli	119
Guilherme Miguel Reis Longo	120
Jacinto Silveira	121
Nelson Fächter Filho	122
Cristiano Orlandi	123
Rodrigo Otávio Caporal Rocha	124
Carlos Eduardo Nunes	125
Vitor de Souza Larroide	126
Luciano Rodrigues Marcelino	127
Guilherme Gonçalves Pereira	129
Douglas Saul Garcia	131
Gabriel Estevão da Silva	133
Giovani de Souza Bernardo	134
Rafael Gomes Silvério	135
Carolina Winckler Souza	136
A semente e o legado: um sonho que se realiza continuamente, um estímulo para as próximas gerações	137
Lista de siglas usadas nesta obra	139

INTRODUÇÃO

QUANDO FAZEMOS algo que ninguém fez antes, precisamos ter consciência de que enfrentaremos desafios. Talvez, aqui, a palavra desafio tenha sido justamente o que chamou a atenção de um grupo de jovens amigos que, mesmo morando em uma cidade, de certa forma, interiorana, e, no conforto da segurança familiar, ou sou, sonhou e realizou.

Eis que surge, em 1988, a Associação de Jovens Empresários de Tubarão, a Ajet, um motivo mais do que especial para que jovens criativos, idealistas e comprometidos com sua cidade e região tivessem mais do que um fórum de discussões para expressar suas angústias, desejos, objetivos, propostas, mas uma oportunidade de aprender, ali, a amadurecer a partir do associativismo.

Vivenciar o coletivo não é fácil. Apesar disso, e talvez por isso, sempre traz resultados incríveis, uma vez vencidas as divergências. Estas discordâncias dosadas de uma boa porção de coerência perdem o foco, convertendo-se em ponderações para somar por resultados comuns. Além disso, a Ajet não é uma associação qualquer. A efervescência do jovem esteve e está muito presente nesta entidade, que marca a história do movimento associativista jovem no estado, e, até mesmo, no Brasil.

Quando se fala em movimentos coletivistas reunidos em torno de um objetivo, pensamos no cooperativismo, no poder de aglutinar esforços para se obterem resultados mais rápidos e

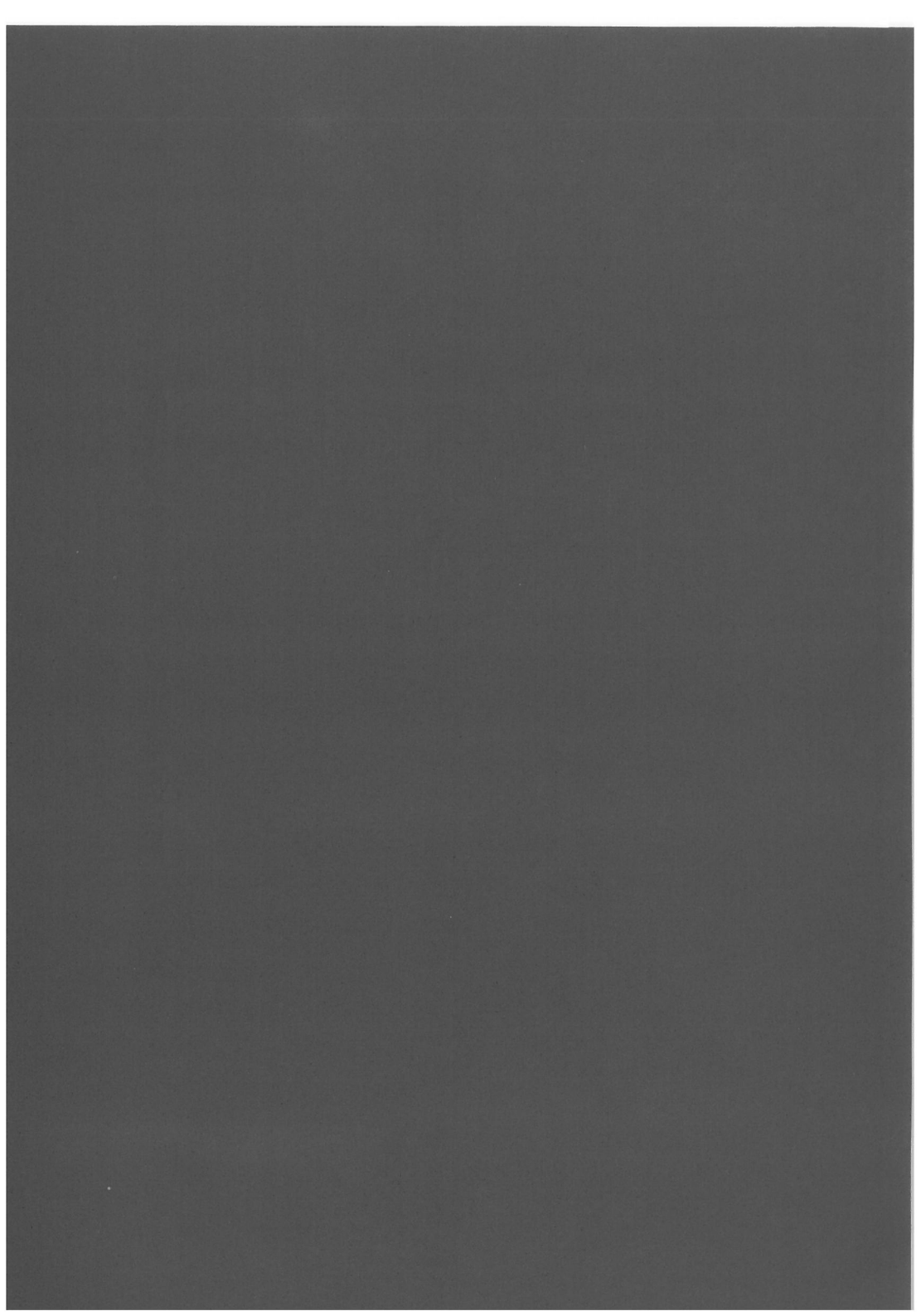
efetivos. Na Ajet, a partir dela e por ela, esse esforço se consolidou em uma história, a história de uma geração incansável, inconformada, que não deixou o medo do desconhecido predominar. E que se continuou em uma próxima geração, não menos empenhada em fazer diferença na sociedade.

Pense num conjunto formado por personalidades diferentes entre si, filhos de empresários, jovens que, em suas casas, no ambiente da mesa de jantar, nos momentos compartilhados em volta da TV, ou, ainda, nas reuniões de comemorações em família, testemunhavam desde cedo seus pais, seus referenciais, conversarem sobre diferentes assuntos relacionados à sociedade e seu desenvolvimento. Para eles, apesar da pouca intimidade com o poder de articulação presente nas entidades de classe da época, havia certa naturalidade naquela linguagem, o que os incentivou a trilhar o caminho de seus pais, abrindo as portas para o surgimento da primeira entidade jovem do estado de Santa Catarina, a Ajet. Pense em outra geração, agora, não necessariamente herdeiros dos negócios de seus pais, mas dotados da mesma inspiração e motivação por fazer diferença em seu meio, articular forças, alimentar sua rede de contatos e dar continuidade à história do associativismo jovem, contada há quase 30 anos.

Desta forma, a própria associação jovem tubaronense tem passado por transições, mostrando que o jovem mudou, mas seu idealismo nem tanto. Na busca por consolidar sua identidade, objetivo que também está presente no aspecto pessoal da vida dos “ajetianos”, a Ajet passaria, ao longo destes mais de 25 anos de história, por mudança de nome, de posicionamento, de marca, de perfil do associado, de perfil de líderes, conservando, no entanto, um ponto: o desejo de fazer diferença, envolvendo a força jovem nos assuntos que extrapolam as paredes das salas de aula, laboratórios e de seus empreendimentos.

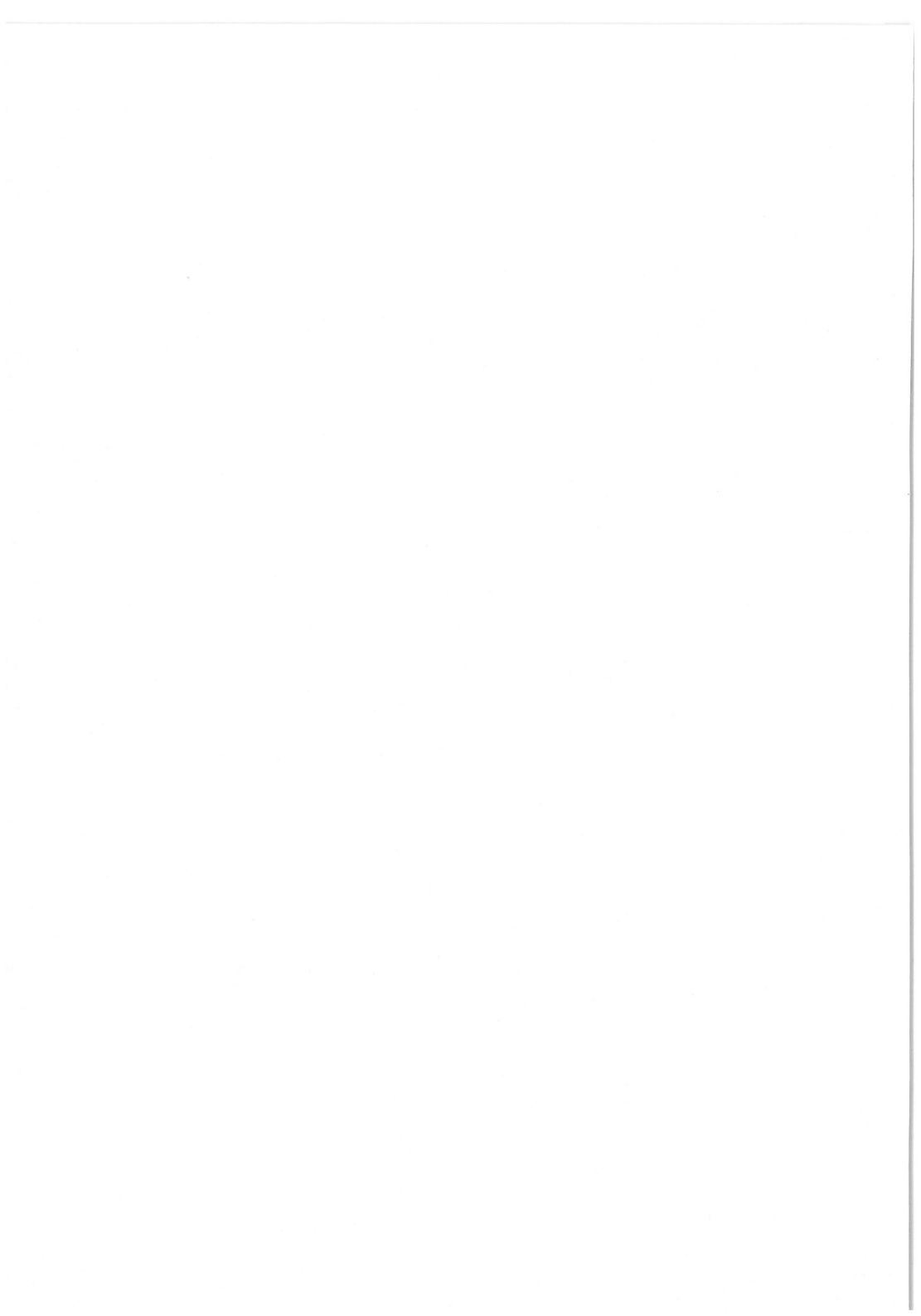
A intenção, com este livro, é que ele sirva de inspiração, a mesma inspiração que faz pulsar o coração dos jovens que marcam a história da Ajet. Que multiplique o conceito de que, se cada um de nós fizer a sua parte pela sociedade, ela, sim, se tornará melhor. E isso começa quando abrimos mão do nosso precioso tempo e olhamos para o outro.

Mais: a intenção é valorizar a história e documentar, ainda que de modo limitado diante de tantas lembranças, a caminhada até aqui, acreditando mais do que nunca que a Ajet tem ainda um grande caminho pela frente e, a exemplo do que a história mostra, seguirá empenhada em vencer o desafio de inserir novas lideranças nas diferentes entidades de classe de nossa cidade, região, estado e país.



CAPÍTULO I

DE CONVERSAS ENTRE AMIGOS,
SURGE UMA ASSOCIAÇÃO



■ De pais para filhos

QUEM NÃO GOSTARIA de estar entre amigos, conversando sobre assuntos diversos, com liberdade para expor suas ideias e ideais, muitos deles despreziosamente? A época era 1988, período pós-ditadura militar. A dívida externa e a hiperinflação alcançavam índices gigantescos, preocupando os empresários. O contexto em Tubarão – cidade polo localizada na região Sul de Santa Catarina, a quase 140 quilômetros da capital, Florianópolis – não era diferente. Com a economia baseada no Comércio, foi colonizada a partir de 1774, sendo ponto de partida para os tropeiros que desciam da região serrana com mulas carregadas de queijo, charque e outros produtos. Aos poucos, o setor foi sobressaindo, mas conseguir trabalho numa empresa estatal era uma das ambições dos jovens da geração de 88, inclusive dos filhos de empresários.

Além disso, a cidade havia sido quase que devastada por uma enchente de proporções catastróficas em 1974, trazendo um cenário ainda mais desafiador para quem quisesse vencer, a partir de seu trabalho, na sociedade da época.

Em 1988, os jovens de classe média a alta, filhos de empresários e então com seus vinte e poucos anos, normalmente iam para a capital fazer um curso superior. Administração, Ciências Contábeis e Economia eram os cursos com maior demanda, oferecendo, talvez, mais perspectiva de um futuro de certo modo independente da segurança familiar patriarcal. Revelava-se como a forma de conquistar autonomia, não só financeira, mas ideológica. De fazer valer sua opinião, de ter voz.

Um daqueles jovens da época, Eduardo Gonzaga Rocha, lembra que, ao voltar para Tubarão, traziam o diploma e também novos pontos de vista. Encontraram a cidade mergulhada em uma espécie de inércia. Queriam, de alguma maneira, ajudar os pais a combater o atraso provocado pela enchente e ir além dos limites e da comodidade de trabalhar em empresas do governo, que, aliás, estavam, em sua maioria, despedindo-se da cidade.

Buscando conhecer sua própria vocação econômica, Tubarão subsistia principalmente do Comércio e de empresas públicas. Destacam-se empresas como o Lavador de Capivari, a Eletrosul, ou, ainda, o Banco do Brasil. Ser bancário realmente fazia parte do futuro que os pais ambicionavam para seus filhos.

Ao mesmo tempo, o conceito de associativismo despontava como uma alternativa, um movimento capaz de somar esforços e de mobilizar a sociedade para que se pudesse mudar a realidade. Um dos fundadores da Ajjet, Alessandro Serafim, o Xandão, que hoje é diretor dos Correios na capital catarinense, lembra que a instituição fundamentada no associativismo tinha muita força. O ímpeto da juventude daqueles rapazes os impulsionou a querer mudar a realidade, ou parte dela, de contribuir, de fazer diferença junto com outras entidades que estavam realizando este papel.

Em algumas das principais capitais brasileiras, o contexto econômico e sociocultural também sofria mudanças. Enquanto, no

Rio de Janeiro, os fanqueiros protestavam contra os rumos da sociedade e evento como a *Rio 92* passava a ser considerado um dos maiores eventos internacionais da história, acontecia, em Belo Horizonte, um crescimento desordenado, mas também com redescoberta dos espaços das ruas como palco de manifestações e protestos. Na capital mineira, uma nova mentalidade surgia com a implantação do metrô de superfície como alternativa rápida, segura e menos poluente. Já Porto Alegre, a cidade que se transformara em metrópole, viu ampliadas suas desigualdades regionais, retomando o processo de concentração industrial na região metropolitana.

Tubarão, cujo prefeito em 1989 era Estener Soratto da Silva, antecedido por Miguel Ximenes e sucedido por Genésio Goulart, tinha sua economia também fundamentada em empresas como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), a Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, inaugurada em 1884, a Usina Termelétrica Jorge Lacerda, a partir de 1957, e a Companhia de Cigarros Souza Cruz, responsável por um incremento na produção agrícola, encerrando suas atividades em 1997.

Foi nesta época que um grupo de amigos começou a cogitar a possibilidade de criar uma associação jovem a partir de conversas em torno de petiscos e de sonhos com o futuro. Um fórum de discussões a respeito da cidade em que viviam, o que influenciava a realidade de suas famílias, os negócios de seus pais, viria à pauta daqueles encontros, embalados pelas principais bandas dos anos 80 e 90: Legião Urbana, Capital Inicial, Paralamas do Sucesso. Nem todos pensavam da mesma forma, é verdade. E foi isso que deu vigor ao movimento, balanceando pensamentos inflamados e inquietos, e outros mais cautelosos. Se aquelas mesas pudessem, como que numa figura de linguagem, ser interlocutoras das conversas, certamente diriam que,

para chegar a um equilíbrio, é necessário ter liberdade de oscilar entre um extremo e outro.

E, assim, dos sonhos que marcaram aquela geração, surgiria um dos movimentos jovens mais antigos do Brasil, o qual daria origem à primeira associação empresarial jovem de Tubarão e do Estado de Santa Catarina, mais tarde chamada Associação dos Jovens Empresários de Tubarão – AJET. Aqueles jovens tinham um ideal. Vinham de um contexto econômico e social incerto em nível nacional, mas, mesmo sem saber exatamente como, queriam chegar a algum lugar e levar a cidade azul com eles.

A entidade não surgiu da noite para o dia. Foram várias as reuniões para “vender” a ideia e fazê-la tomar corpo. Outras tantas se seguiram para criar o estatuto. Um dos motivos de tanto trabalho para efetivá-lo foi o fato de quase não existirem associações jovens oficialmente no Brasil, até aquele momento.

Contudo, o impulso pelo associativismo não veio por acaso. O exemplo era seguido a partir da vivência dos pais daqueles jovens, engajados no movimento através de entidades como a ACIT, na época Associação Comercial e Industrial de Tubarão e, anos depois, do CDL, então Clube de Dirigentes Lojistas de Tubarão. O sentimento daqueles jovens era de que, em uma época pós-ditadura, em que as decisões mais importantes eram tomadas a portas fechadas, seus pais seguiam envolvidos com as questões da sociedade, mas não se sentiam à vontade e com abertura para expor sua opinião. Queriam contribuir, mas não viam como.

Além disso, ser filho do dono da empresa, o que tecnicamente parece ser mais fácil, trazia consigo a condição de ter que provar seu próprio mérito, já que, antes de profissionais ou promissores, eles eram considerados os “filhos dos empresários”, e não os jovens empreendedores. Normalmente, aqueles jovens inexperientes até participavam de alguns processos dentro das empresas familiares,

onde tinham a oportunidade de aprender mais sobre o mundo dos negócios. Mas queriam ir além: em muitos casos, queriam ter seu próprio negócio ou até somar às opiniões dos veteranos, os pais, mesmo que com opiniões divergentes.

Jefferson Brunato, primeiro presidente da Ajet, conta que eram poucas as opções de lazer na cidade e que isso contribuiu para que as reuniões da Associação jovem acontecessem. “Passamos a unir o útil ao agradável, e a nos reunir nos clubes, restaurantes, bares da cidade, para expormos entre nós, nossos pontos-de-vista.”

Ora, eles eram jovens com uma boa dose de senso de responsabilidade. Em meio a risadas, a comentários sobre times de futebol, ou, ainda, sobre como tinha sido o final de semana, quem eles tinham encontrado nas festas da turma, lembravam que em Tubarão faltava uma rodoviária, uma praça, ou se indagavam como poderiam participar das discussões de seus pais sobre a urgência de se ter um aeroporto regional.

Foi dessa maneira que surgiu efetivamente a Ajet, associando o prazer de estar entre amigos à necessidade e ao desejo de contribuir com a sociedade e com o fortalecimento da economia.

■ As primeiras reuniões

As reuniões que deram origem à Ajet aconteceram em tradicionais clubes recreativos de Tubarão, como o Sete de Julho e o Clube de Campo. No início oficial, na casa de Jefferson Brunato, no dia 23 de junho de 1988, estavam presentes Alexandre Serafim, o anfitrião, Jefferson Brunato, Glauco Caporal Fernandes, Luiz Fernando Corbetta, os irmãos Eduardo e Marcelo Gonzaga Rocha, Luiz Antônio Botega e Murilo Bortoluzzi. Naquele encontro, ficaram definidos e devidamente registrados os objetivos da futura Associação: aumentar a participação dos jovens no processo de

desenvolvimento industrial, comercial, social e cultural da cidade e região; lutar por novos empreendimentos e pela manutenção dos já existentes, com empenho conjunto com as forças vivas do município; tentar solucionar ou minimizar alguns problemas cruciais da cidade, através de comissões e estudos em conjunto com demais entidades interessadas no mesmo objetivo; promover a união e, conseqüentemente, o fortalecimento e a maior participação do jovem empresário na comunidade; promover debates e cursos para aprimorar os conhecimentos de associados e interessados em geral.

Para colocar todos os objetivos em prática, seriam feitos encontros periódicos a fim de estruturar a Associação. O nome de Luiz Antônio Botega, o Toni, foi designado para a elaboração do estatuto, processo que deve ter levado cerca de um ano para se concluir. Ele relata que os jovens se esforçavam para que suas escolhas naquele caminho de construção e formação da entidade fossem criteriosas, bem como tudo que dissesse respeito a ela. Afinal, eles precisavam conquistar credibilidade. Em sua memória fica claro, quando fala disso, que havia um comprometimento de todos os envolvidos com o movimento.

Aos poucos, aquele processo encampado pelos jovens do interior do estado foi tomando forma e corpo. Filhos de empresários que até então não sabiam ao certo que rumo tomar em suas carreiras profissionais e no aspecto pessoal, além de participar timidamente dos negócios de seus pais, ou da família, experimentavam a possibilidade de expor suas opiniões, contribuindo com a cidade, com a força econômica, a sociedade, alcançando progressivamente sua identidade no processo. Xandão não esquece: “Aos poucos, nós entendíamos que não queríamos assento nas entidades que já existiam, mas sim, ter nosso próprio espaço, com o nosso perfil, e com isso, somar.”

■ Sócios-fundadores

Jefferson, Alexandre, Glauco, Luiz Fernando, os irmãos Eduardo e Marcelo, Luiz Antônio e Murilo. Estes foram os jovens que, reunidos, decidiram dar vida à Ajet oficialmente.

Com uma grande inclinação para a política partidária, Jefferson Medeiros Brunato foi o primeiro presidente, aos 22 anos de idade. Empresário, formado em Administração, dedicou boa parte do trabalho que desenvolveu após sua saída da Associação, ao cargo de vereador por três mandatos, sendo também, posteriormente, secretário municipal e presidente de partido. Abriu as portas de sua casa para as primeiras reuniões da Ajet.

Glauco Caporal Fernandes foi também um dos que se envolveram para que a Ajet se tornasse realidade. Observador e crítico, é, até hoje, engajado no movimento associativista, tendo integrado a Diretoria da Acit. Depois da Ajet, além de ter seu negócio no segmento de prestação de serviços, foi secretário municipal.

Filho de empresário, Murilo Ghisoni Bortoluzzi já tinha em seu pai, Humberto Bortoluzzi, um exemplo para ingressar no associativismo, já que, além do êxito no meio corporativo, Humberto foi diretor e presidente da Acit. Participar da Ajet foi um incentivo a mais para permanecer no movimento, onde está até hoje, e, atualmente, como presidente da Acit. Antes disso, foi secretário de estado, secretário municipal, diretor da Acit, presidindo e integrando diversas entidades de classe do segmento cerâmico, de turismo, entre outras.

Luiz Antônio Botega também é filho de empresário, envolvido nos negócios da família desde cedo. Isso o incentivou a empreender, até mesmo em nível nacional. A prática do associativismo contribuiu para que pudesse galgar outros passos na carreira.

Eduardo e Marcelo Gonzaga Rocha ingressaram juntos no movimento, não só como jovens que compartilhavam da mesma visão, mas como irmãos. Depois, outro irmão, Gessy Rocha, se envolveria com a Ajet e seria um de seus grandes encampadores. Marcelo lembra que, apesar de muita vontade, os jovens eram inexperientes, mas sua participação no movimento associativista foi determinante para trazer à discussão questões ligadas ao desenvolvimento, muitas delas debatidas ainda hoje. Ele também iria assumir a presidência da Acit anos mais tarde.

Ao lembrar da sua geração, Isaac Tonon, que começou a trabalhar no negócio da família aos 17 anos, acentua as diferenças claras com o jovem atual. “O jovem de hoje é mais imediatista. Em nossa época, a Ajet surgiu como uma entidade que permitiria nossas reuniões, para nos provocar a sonhar e a realizar e a nos preparar para assumir a liderança de outras entidades.”

■ A Ajet na prática: da criação às primeiras ações

Os primeiros encontros haviam sido focados em uma organização institucional da entidade. A Associação surgia como algo totalmente novo em termos de associativismo, tendo como alicerce o idealismo do jovem que buscava seu lugar para expor opiniões e contribuir com a sociedade. Ter credibilidade era algo muito importante. Além disso, a entidade estava começando do zero. Era necessário escolher a diretoria, mas, antes, estabelecer critérios para isso. Sem contar que a entidade também precisaria de associados, o que daria força à causa.

Na reunião de 16 de setembro de 1988, foram relacionados os primeiros nomes com possibilidade de integrar o quadro associativo da Ajet a partir do grupo inicial. Estavam entre eles Pedro Fuchter Filho, Riberto Lima, Carlos Stüpp, Antenor Lemos, Guilherme

Miguel Longo, Hélio Silvestre, os irmãos Luiz Alberto e Antônio Carlos Silvério e Isaac Tonon. Eles viriam a fazer parte da Ajet e, posteriormente, de outras entidades de classe da cidade. Alguns deles participam ativamente até hoje.

No dia 6 de outubro de 1988, a primeira diretoria da Ajet foi eleita em caráter provisório, tendo como presidente Jefferson Brunato, vice-presidente Luiz Antônio Botega e diretores Luiz Fernando Corbetta, Eduardo e Marcelo Gonzaga Rocha, Murilo Ghisoni Bortoluzzi, Glauco Caporal Fernandes e Alexandre Souza Serafim, fundadores da associação jovem. No dia 27 do mesmo mês, a entidade receberia seus primeiros convidados para uma reunião de sensibilização, motivando-os a participar como associados.

Aquela reunião foi mais uma oportunidade para se falar do propósito da Ajet. Lá, os jovens destacavam a receptividade do primeiro grupo. Naquele dia, a vontade de se envolver com as questões da sociedade já era bastante evidente. Há registros de um debate acerca de dificuldades e desafios enfrentados pela classe empresarial junto ao poder público – falta de incentivo financeiro, por exemplo. Trazer os candidatos à Prefeitura de Tubarão foi item da pauta, sendo deliberado que se agendaria um encontro entre eles e os associados da nova entidade para um debate a respeito das principais necessidades do município. O debate seria feito com um candidato de cada vez, mediante critérios e regras claras, imparciais, e respeitando a disponibilidade de cada um. Eram eles, na época, Estener Soratto, José Roberto Tournier e Wilson Maria. Antenor Lemos foi designado como mediador e Isaac Tonon como comentarista. Aquela seria a primeira ação efetiva da associação jovem a partir de sua fundação.

■ Políticos e políticos partidários

No dia 2 de novembro daquele ano, diretores e associados da Ajet receberam os candidatos à Prefeitura de Tubarão para a série de debates. Os encontros iniciaram com Estener Soratto, acompanhado de seu vice, Irmoto Feuerschuetzte, tendo, de acordo com os critérios da reunião, 20 minutos para expor sua proposta de governo, sendo sabatinados pelos jovens empresários na sequência. Após o intervalo, foi a vez do candidato José Roberto Tournier e de seu vice Neri dos Santos participarem do debate, respondendo, da mesma forma, a perguntas sobre temas diversos relacionados ao desenvolvimento da cidade. Embora tenha sido registrada a presença do candidato Wilson Maria, sua participação seria agendada para uma próxima oportunidade, por problemas relacionados ao horário.

Ainda que a entidade não se configurasse como meio para firmar pretensões políticas de seus membros, a Ajet serviu para motivar os que simpatizavam com a ideia de alçar voo para o viés político partidário. Glauco Caporal Fernandes, que, anos depois de ser presidente da Ajet assumiria o cargo de secretário de indústria e comércio do Município, conta que, apesar de o engajamento político partidário não ser o objetivo principal, e sim, o de estimular jovens daquela geração a serem mais participativos e formar líderes, eles se deparavam com a falta de representatividade política, e isso pesava no ritmo do desenvolvimento da cidade. Jefferson Brunato, que já foi vereador em Tubarão, afirma que, independente de incentivar a participação no segmento político partidário ou no empresarial, a Ajet cumpriu e tem cumprido seu objetivo, o de formar lideranças.

Aos poucos, a Ajet foi trazendo à pauta assuntos de interesse da sociedade. A criação de um distrito industrial e atração de

novas empresas, a criação de uma nova rodoviária, de que se questionava o local, a construção do Fórum e, ainda, temas de relevância regional, como a implantação de um aeroporto para o Sul, também fizeram parte dos assuntos discutidos nas reuniões.

■ Desafios e benefícios de ser jovem

Considerada como o fim da idade industrial e início da idade da informação, foi na década de 80 que começaram a surgir as primeiras tecnologias que hoje são essenciais à sociedade moderna. Com o desenvolvimento do IBM PC e do Apple Macintosh, bem como das primeiras interfaces gráficas – o XFree86, Windows e o MacOS – inicia-se a fabricação dos computadores pessoais, ou PCs, embora ainda muito primitivos. É nesta década que se descobre a AIDS, é fundado o Partido dos Trabalhadores, acontece o movimento Diretas Já, abrindo espaço para a democracia, encerrando a Ditadura Militar, em 1985.

O tempo passava, e mais jovens queriam aderir à Ajet. Jefferson compara que era como uma onda da qual todos queriam fazer parte, porque era algo novo e gerava identificação com o jovem tubaronense da época. Até então, aquela geração de jovens idealistas, inquietos por contribuir, via-se (ou era vista) como uma espécie de *office boy* do pai, o empresário de respeito. Isso era um desafio para aqueles que desejavam encontrar sua verdadeira identidade, e a Ajet contribuiria muito para isso. Através da entidade, criaram coragem para empreender seu próprio caminho, aflorando o senso de responsabilidade e a maior consciência de estar em sociedade.

Em sua primeira fase, para ingressar na Ajet era pré-requisito ser filho de empresário. Os fundadores contam que profissionais liberais e alguns prestadores de serviços não eram considerados

associados em potencial, diferente da realidade de hoje, quando estatísticas mostram o setor de Serviços como potencial gerador de renda no município.

O jovem da época também tinha suas diferenças, comparando-se com o de hoje. Leonardo Benedet, um dos únicos daquela fase que participa da atual geração, esclarece que eles tinham de resolver as coisas sem tantos recursos. “O jovem de hoje tem ferramentas nas mãos que nós não tínhamos. É a conveniência da vida moderna.” Ele passaria a integrar a Ajet anos depois da fundação.

Essas diferenças também estão ligadas ao contexto da época. A sociedade mudou. A década de 80 foi marcada por momentos significativos na história do país, e essa era a época vivida pelos jovens na fase de criação da Ajet.

Murilo Bortoluzzi lembra que a geração dos pais dos fundadores estava habituada a uma sociedade em que os principais assuntos eram debatidos a portas fechadas. “A Associação Empresarial (Acit), por exemplo, era o fórum de discussão de um grupo de empresários que também ansiava por resolver os problemas da sociedade. Nossos pais sofriam de certa forma os efeitos da ditadura militar, condicionados a uma cultura de ser mais reservados quando o assunto era discutir as questões da sociedade”, explica, lembrando do pai, Humberto Bortoluzzi, que foi presidente da Acit. Neste cenário, a nova geração despontava como agente de quebra de paradigma, expressando sua opinião livremente, mas com a responsabilidade de quem quer mudar a realidade. “Éramos uma geração diferente, sem receio de expor os pensamentos, as ideias, uma geração desprendida. Por isso, nossa pretensão não era ocupar o lugar dos nossos pais na Acit ou em outras entidades representativas da cidade, mas criar um fórum em que pudessemos discutir mais livremente nossas ideias”, completa.

Aos poucos, as mesmas entidades – incluindo a CDL – foram absorvendo a nova geração, e as diretorias e quadros associativos passaram a mesclar veteranos e jovens, sempre com o intuito de somar.

Na Acit, este processo começou na década de 90, com a eleição de Antenor Lemos, na época com 32 anos de idade, como presidente. Na CDL, o primeiro presidente da entidade integrante da Ajet foi Luiz Antônio Botega, seguido de nomes como Carlos Stüpp, que, apesar de não ter sido presidente da Ajet, teve bastante envolvimento com a Associação, e Luiz Alberto Silvério.

■ Lugares e pessoas

Além de trazer para as reuniões, assuntos relevantes à sociedade, a Ajet promovia a integração de seus associados. Do Clube de Campo e do Clube Sete de Julho, passou a levar os encontros também para o bairro Guarda, nos hotéis daquela região, onde cada associado era escalado para apresentar um tema, treinando a oratória e promovendo o relacionamento interpessoal. Eduardo Silvério Nunes, ex-presidente da Acit, sabe que participar da Ajet foi um grande incentivo para assumir a Associação da qual seu pai havia sido diretor. “Lembro bem os momentos em que tínhamos de falar em público. Este é um desafio bastante comum entre os jovens, e, por isso, participar da Ajet ajudou no processo.”

Neste embalo, a Ajet foi responsável por trazer palestras que movimentaram a cidade. Nomes como Amir Klink ajudaram a escrever essa história e consolidar a marca da associação, encorajando os jovens a fazer algo pela sua cidade e região.

Comandante de embarcação, o paulista Amyr Klink ficou conhecido por suas expedições marítimas, geralmente realizadas de forma solitária. Seu primeiro feito de destaque ocorreu em 1984,

quando realizou a travessia solitária, cerca de sete mil quilômetros num barco a remo, no oceano Atlântico. Outra experiência marcante aconteceu em 1989, quando viajou rumo à Antártida, em um veleiro especialmente construído para a expedição, o Paratii. Permaneceu sozinho por um ano na região, sendo que, por sete meses, seu barco ficou preso no gelo da Baía de Dorian. Da Antártida, rumou em direção ao Polo Norte e retornou ao ponto de partida, a cidade de Paraty, em outubro de 1991. Sua experiência marcou a história dos jovens empresários e também da sociedade. A palestra realizada pela Ajet na gestão de Murilo Bortoluzzi serviu para encorajar ao desafio. “O público lotou o Cine Vitória, formado por jovens e pessoas mais experientes. Foi um dos eventos mais expressivos da história da Associação jovem”, conta o ex-presidente.

Outra palestra viabilizada pela Associação jovem foi com o líder político Paulo Maluf. Empresário, engenheiro e político brasileiro, Maluf foi duas vezes prefeito de São Paulo, além de secretário dos transportes, governador do estado de São Paulo e candidato à Presidência da República. Na política, Maluf associou-se ao conservadorismo político, ao populismo e à realização de grandes obras públicas, como a Marginal Tietê e o Elevado Presidente Costa e Silva, popularmente conhecido por “Minhocão”.

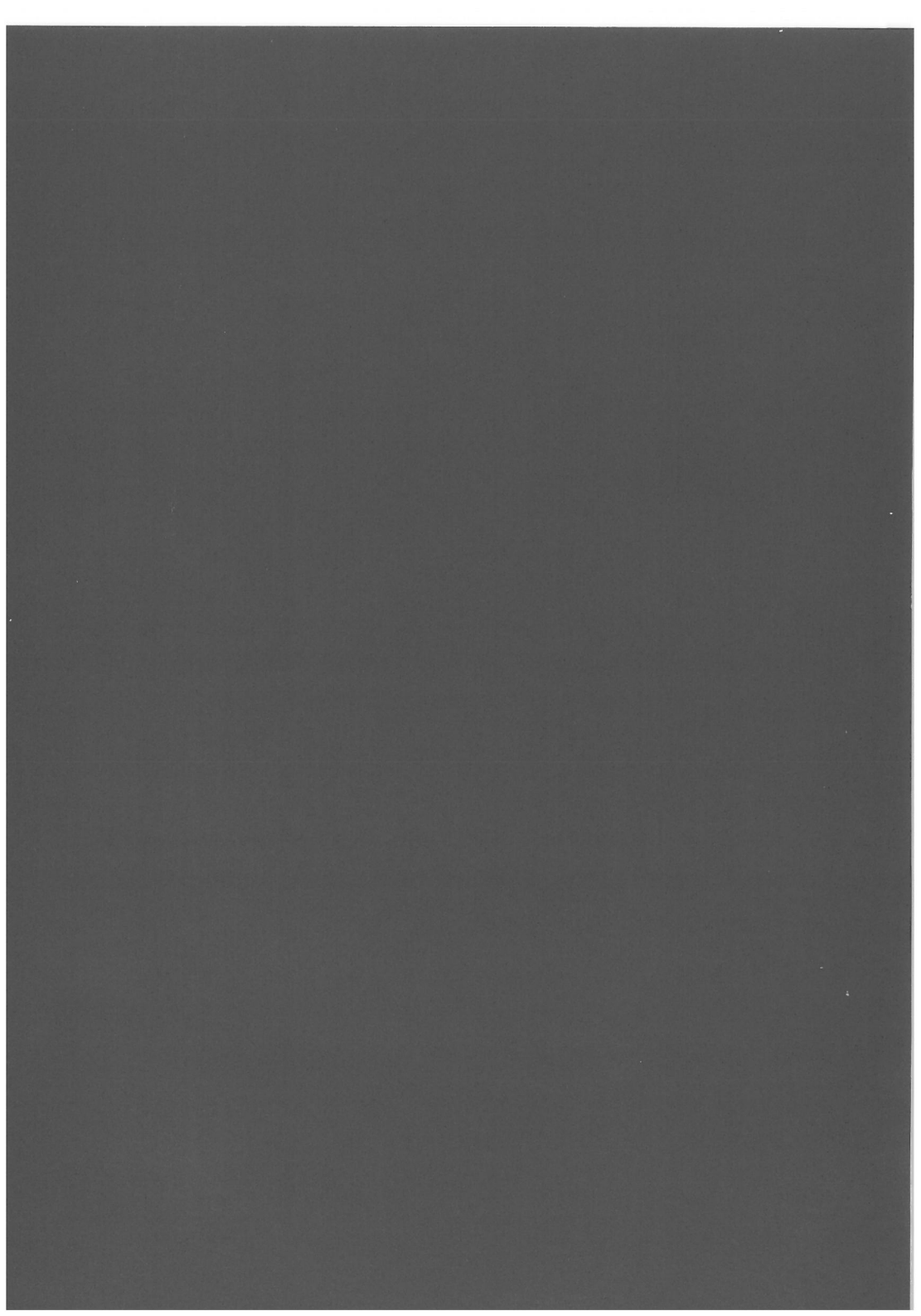
Além de palestras, a Ajet promovia missões empresariais. Ex-integrantes, chamados até hoje de “ajetianos”, relembram missões significativas que permanecem na memória. Destaque para a visita ao Projac, na Rede Globo de Televisão, a empresas como Citroen, a Santiago, no Chile, e à Fisa, maior feira multissetorial da América Latina. Jefferson detalha que as missões os motivavam muito. “Traziam novidades para a nossa realidade nos negócios e na vida. Além disso, estreitávamos nosso relacionamento e fortalecíamos nossa rede de contatos.” Rodrigo Caporal também lembra os bons momentos vivenciados em grupo, que agregaram à

vida pessoal e profissional. “Tenho amigos daquela época. Foram momentos significativos.”

Glauco lembra uma missão ao Rio Grande do Sul, onde conheceram o Programa Gaúcho de Qualidade e visitaram empresas como Rossi, Sinteco e Harger. “Na época, o programa 5Ss¹ era uma ferramenta que começava a ser implementada nas organizações. A abertura das empresas para visitação fazia parte do processo de certificação. Este foi um exemplo de assunto que ouvimos na faculdade e experimentamos na prática, através da participação na Ajet”, conta.

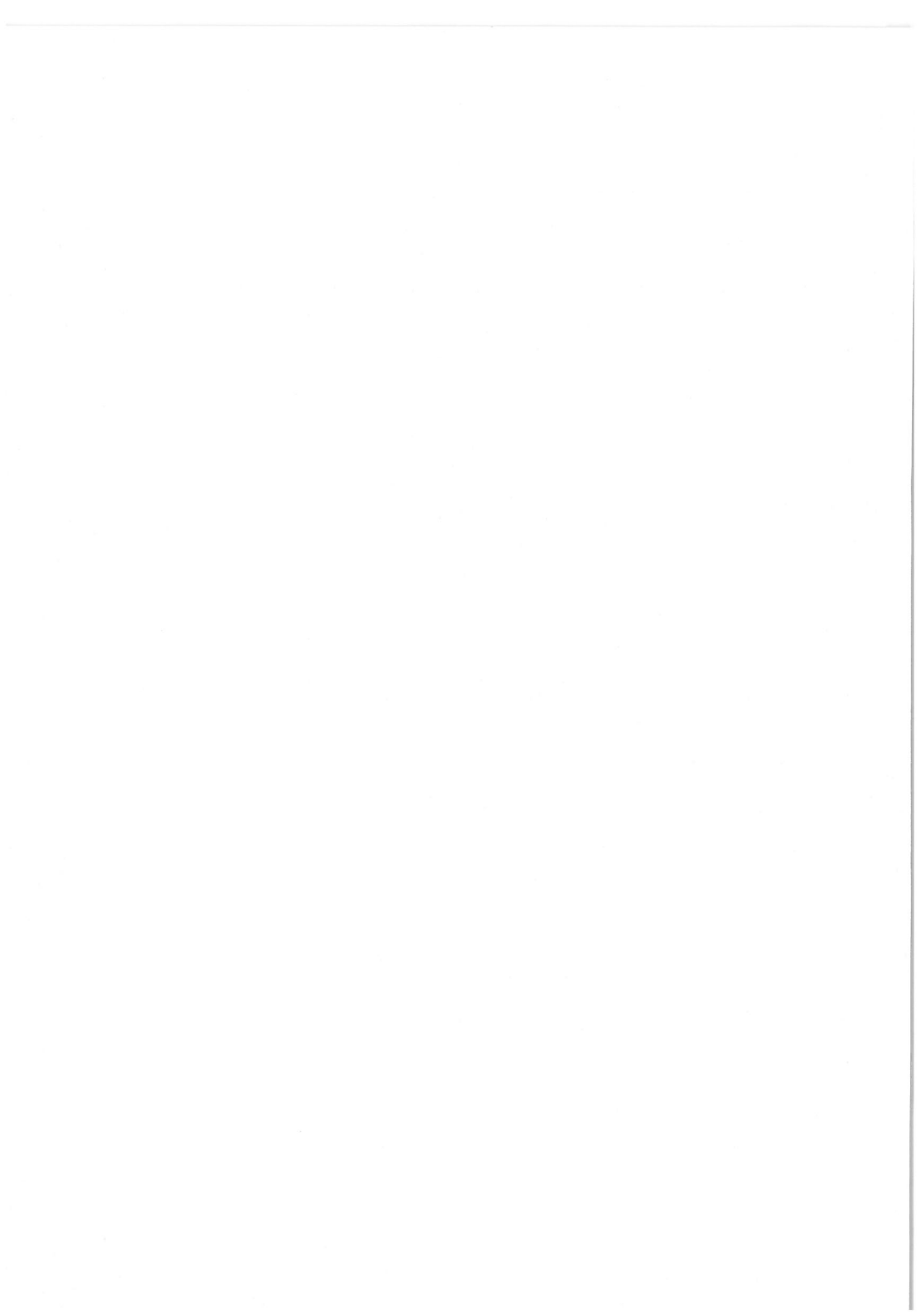
Cerca de 90% dos filhos de empresários da época participaram de alguma forma da Ajet. Para Eduardo Gonzaga Rocha, a amizade também é algo marcante até hoje, quando o grupo se reúne para lembrar a história. “Percebemos que, do grupo inicial, todo mundo conhece um pouco de cada um e que estávamos no lugar certo na hora certa.” “Fui motivado pela vontade de me sentir relevante na sociedade. Tenho orgulho de dizer que fiz parte da Ajet. O medo ficava em segundo plano. As experiências uns dos outros nos motivavam, contagiavam”, explica Jefferson Brunato. Para Luiz Antônio Botega, “ter um espaço para expressar opinião, especialmente diante da inquietação da época” foi o fator que o levou a participar. Alessandro Serafim completa dizendo que três fatores bem claros o levaram a participar: desenvolvimento pessoal, associativismo e busca por espaço. Glauco conclui: “Muitas das mudanç as que vemos hoje na sociedade, tiveram a participação da Ajet. Tubarão vive um momento diferente, com mais qualidade de vida e distribuição de renda.”

1 O 5Ss surgiu nas empresas do Japão, durante a reconstru o do país após a Segunda Guerra Mundial. Seu objetivo é cuidar da base, facilitando o aprendizado e prática de conceitos e ferramentas para a qualidade. Isso inclui cuidar do ambiente, equipamentos, materiais, métodos, medidas, e, especialmente, pessoas. Representa cinco palavras japonesas que começam com o som S e que no Brasil são: Seleção, Descarte, Senso de utilização, Higiene, Padronização e Senso de saúde.



CAPÍTULO II

FORMANDO LIDERANÇAS



LIDERANÇA É A ARTE de comandar pessoas, atraindo seguidores e influenciando de forma positiva mentalidades e comportamentos. Segundo John C. Maxwell, a liderança exerce impacto em todos os aspectos da vida. Em seu best-seller, *As 21 Irrefutáveis Leis da Liderança*, ele reforça que a capacidade de liderança é o limite que determina o grau de eficácia de uma pessoa.

É claro que a liderança pode ser aplicada sob diferentes aspectos. Aqui é importante destacar que, para aplicá-la, para sequer saber se tinham potencial para exercê-la, aqueles jovens precisariam de um meio, um ambiente que os acolhesse, que fosse deles, com o qual se identificassem. Por isso, a Ajet foi e é tão importante nesse processo de formação de lideranças: por proporcionar este ambiente seguro para sua expressão e capacitação aos voos mais altos.

Entendendo que, em sua maioria, os jovens envolvidos com a Ajet teriam naturalmente que se envolver com o meio corporativo, empresarial, gostaria de destacar, neste capítulo, como foi o papel da Associação na formação e projeção de nomes nas esferas associativista e político-partidária.

■ De jovens empreendedores a líderes de entidades

Quando falamos de associativismo, remetendo-nos a entidades de classe como a Associação Empresarial de Tubarão – ACIT e a Câmara de Dirigentes Lojistas – CDL de Tubarão, por exemplo, é

preciso entender um pouco melhor o universo destas instituições. O voluntariado é colocado em prática como premissa. A cooperação, também. Reunidos periodicamente em suas entidades, seus líderes são os empresários, que deixam momentaneamente o ambiente de seus negócios, suas empresas, para discutir em conjunto as necessidades da sociedade em que estão inseridos. Esta realidade vai além de apenas discussões. Supera o campo das ideias e, muitas vezes, converte-se em projetos e resultados concretos.

Na Acit, por exemplo – que, ao completar 63 anos de fundação em março de 2015, tem um ex-ajetiano como presidente, o empresário Murilo Bortoluzzi – assuntos importantes dentro do contexto do desenvolvimento regional são discutidos com frequência, dentre os quais o processo de conclusão da duplicação do trecho Sul da BR101, ou, ainda, a operacionalização do primeiro aeroporto regional do Sul catarinense, localizado em Jaguaruna.

Outros assuntos – tantos quantos demandarem a qualidade de vida e o desenvolvimento da sociedade, sob o aspecto econômico principalmente – são pautados nas reuniões da associação. O mesmo acontece na CDL, porém, com ênfase no trato com o lojista, com o empresário do setor de Comércio.

À CDL cabe representar especificamente o comerciante e as diretrizes que tangem o bom andamento deste setor, o qual se destaca como um dos principais e mais tradicionais da cidade. Fundada há mais de 40 anos, a CDL surgiu com o nome de Clube de Diretores Lojistas, mudando sua denominação anos mais tarde para a nomenclatura atual, mas, mantendo a finalidade para a qual foi criada: amparar, defender, orientar, coligar e representar os interesses da entidade e dos lojistas associados.

Parceiras, as duas entidades firmaram-se, ao longo dos anos, como referência, se o assunto é a representatividade da classe e da sociedade. Há cerca de 20 anos, quando as entidades passaram a

exercer um posicionamento mais efetivo de estreitar seu relacionamento com a sociedade, interagindo e comunicando-se mais com ela, os principais assuntos ligados ao desenvolvimento do município, da região e até mesmo do estado têm exigido, também, um envolvimento maior das duas entidades.

Outro ponto comum é que as duas instituições têm ex-integrantes da Ajet em suas diretorias.

■ A abertura para outras entidades

Ajetianos na Associação Empresarial

Antenor da Silva Lemos foi presidente da Associação Empresarial de Tubarão – Acit, de 1994 a 1996 e de 1996 a 1997. Sua gestão foi significativa para a abertura de portas da Associação à participação mais efetiva da mulher empresária, assim como dos jovens empresários. Ele mesmo havia participado da Ajet e bem entendia os anseios e a vontade de contribuir de seus integrantes.

Ele havia sido convidado a participar da Acit por Dite Freitas, ex-presidente da entidade. Assumiu a presidência aos 32 anos, tinha uma mentalidade considerada aberta aos diferentes movimentos da sociedade e considerava importante a preparação dos jovens para assumir a Associação no futuro, acreditando na ideia de renovação. Há quem diga que o incentivo para esta participação de Antenor Lemos partiu de um empresário, Márcio Ribeiro, que nunca ocupou a presidência da Acit, mas foi bastante influente nas decisões que passavam pela Associação.

O foco de Antenor na aproximação está claro também na ata da reunião da Ajet de 6 de setembro de 1995, quando ele participou do encontro representando a Acit e externando que a Ajet teria espaço na nova sede, em vias de inauguração, a título de

parceria. A ideia era que a associação jovem ponderasse com a Acit qual a forma e os custos, mas, de antemão, já tinha sinalizado seu acesso para utilizar a nova estrutura na Av. Marcolino Martins Cabral, Centro de Tubarão.

Até então, a Ajet não possuía sede própria e seus encontros eram itinerantes. A nova sede da Acit contaria com uma área útil de 800 metros quadrados, sendo desse espaço 400 metros quadrados para o auditório, e a Ajet estava sendo convidada a participar dessa estrutura. Esta integração efetivamente aconteceria anos mais tarde, na gestão de Carlos Eduardo Nunes, como presidente da Ajet, e de Max Cesar Nunes, seu irmão, como presidente da Acit.

Naquela reunião, porém, Lemos deu ênfase à necessidade de mais interação entre a Ajet e a Acit. Seria o pontapé inicial para a aproximação maior entre as duas entidades.

Foi na gestão de Leda Silvestre Meneghel, de 1997 a 1999, que integrantes da Ajet ingressaram na diretoria da Acit. Entre os diretores da gestão da primeira mulher a liderar a Associação, estavam os ajetianos Márcio Mendes, Glauco Caporal Fernandes, Riberto Lima e o ex-presidente e ex-ajetiano Antenor da Silva Lemos.

Em 1999, Leda Meneghel passaria o bastão a Max Cesar Nunes, também ex-integrante da Ajet, que atribui o ingresso na instituição à sua participação na Ajet e à influência de seu pai, o empreendedor Argemiro Nunes. Max trouxe para a Acit os colegas ajetianos Artur Esteves Corrêa e Eduardo Silvério Nunes. Juntou forças com Murilo Bortoluzzi, também colega de Ajet, para a criação do Fórum de Desenvolvimento Regional da Amurel – FORAM, buscando maior representatividade e participação da Acit nas questões ligadas ao desenvolvimento regional. Eles acreditavam que o desenvolvimento de Tubarão estava diretamente ligado ao desenvolvimento da região, por isso buscaram meios e parceiros

regionais para elencar prioridades e, em consenso, batalhar para que se concretizassem. Entre elas, o Aeroporto Regional Sul, pleito antigo que ganhou reforço para sua efetivação.

Quem assumiu a Acit depois de Max foi o ex-presidente da Ajet, Marcelo Gonzaga Rocha. A Acit estava em vias de completar seu cinquentenário no dia 9 de março de 2002, quando Marcelo liderava a entidade. Ele também considera sua participação na associação de jovens decisiva para sua entrada na Acit. Em sua gestão, buscou aproximar ainda mais da Acit, as entidades de classe, entre elas a Ajet. A proposta era integrar o trabalho das diferentes entidades, tendo como foco o fortalecimento do empresariado. O Forum continuou se fortalecendo em sua gestão e, com ele, os pleitos regionais, como o Aeroporto. Depois dele, Max Cesar Nunes retornaria à Acit como presidente e encerraria sua gestão em 2004.

Em 2006, novamente um ex-ajetiano assumiria a Acit, desta vez, Eduardo Silvério Nunes, presidente da entidade até meados de 2014, quando passou o cargo para outro ex-ajetiano, Murilo Bortoluzzi. Participativo, Eduardo buscou em sua gestão a unidade do Sul como uma só região, sendo esta uma das marcas de seu trabalho. As questões regionais continuam em pauta, dentro de um contexto de desenvolvimento que tem, entre outros marcos, a inauguração e operacionalização do tão sonhado aeroporto regional, em Jaguaruna. Para reforçar o caráter da Ajet na formação de líderes, cabe mencionar, rapidamente, traços da gestão de Eduardo, com a criação e reuniões do Conselho Político Empresarial para o Desenvolvimento Regional, onde, em reuniões itinerantes pela região da Associação dos Municípios da Região de Laguna – AMUREL, presidentes das Associações Empresariais de Braço do Norte, Capivari de Baixo, Garopaba, Imbituba, Jaguaruna e Laguna reuniram-se por cerca de seis anos com lideranças políticas comprometidas com os pleitos da região, envolvendo prefeitos,

vereadores, deputados, senadores, além de lideranças de entidades coirmãs, como CDLs e outras, ações a que Murilo tem dado continuidade desde o início de sua gestão.

É certo que tanto Eduardo quanto Murilo e ainda, Max Nunes foram influenciados por seus pais, respectivamente o ex-diretor da Acit, João Eliseu Nunes, e os ex-presidentes da mesma entidade, Humberto Bortoluzzi e Argemiro Antônio Nunes. Mas o estímulo e a motivação para este envolvimento, digamos o amadurecimento para que pudessem participar mais a fundo nas questões do associativismo, pode-se dizer, estão significativamente atribuídos ao seu engajamento na Ajet.

“Cresci vendo meu pai participar da Acit e, com isso, compartilhar o quanto o associativismo, a união de forças é importante para a sociedade. Isso me influenciou a, de alguma maneira, participar deste processo. Mesmo com a consciência sendo despertada acerca dessa questão, éramos jovens e precisávamos de um espaço onde pudéssemos discutir entre nós estes assuntos. Por isso, a Ajet contribuiu para que eu tomasse ainda mais gosto pelo associativismo e pelas causas do empresariado”, conta Eduardo.

Ajetianos na Câmara de Dirigentes Lojistas

A abertura da CDL de Tubarão para o ingresso de integrantes da Ajet deu-se na década de 90, após a gestão de Amauri Inocêncio. Carlos José Stüpp, que frequentava as reuniões da Ajet, tornou-se presidente da CDL em 1991, encerrando seu mandato em 1992. Era líder nato e fez questão de abrir as portas aos ajetianos, fazendo menção à entidade jovem como uma de suas incentivadoras como líder empresarial.

Filho de empresários, formado em Administração de Empresas, o tubaronense Carlos José Stüpp aplicou sua liderança nos

negócios do pai, ingressando na CDL por influência da família. A participação na entidade foi um passo para que assumisse, de 1993 a 1995, a Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas – FCDL de Santa Catarina. Do ramo varejista de pneus, ele foi o primeiro presidente da Federação, eleito por voto direto dos lojistas do estado, com 98% da preferência dos associados. Durante sua gestão, liderou uma mobilização no estado contra a proposta de redução do prazo de recolhimento do ICMS, apresentada no primeiro semestre de 1994. A profissionalização dos dirigentes e dos varejistas foi uma constante preocupação de Stüpp. Para isso, organizou vários seminários e convenções de líderes lojistas, trazendo a Santa Catarina, palestrantes renomados nacionalmente. Stüpp lutou pela redução da carga tributária, coincidência ou não, bandeira encampada nesses dias pela Ajet. Convocando os lojistas de todo o estado para a mobilização durante o “dia nacional pela redução da carga tributária”, foi o idealizador de campanhas institucionais na mídia, em datas como natal, dia das mães, dia dos pais, dia dos namorados e páscoa, atraindo os consumidores às compras. Foi o segundo catarinense a presidir a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas e, com o lema lojista forte, *Brasil melhor*, estendeu em nível nacional o potencial do trabalho desenvolvido pelo Movimento Lojista Catarinense.

Depois de colocar em prática seu potencial como líder na esfera do associativismo empresarial, lançou-se na carreira política, candidatando-se à Prefeitura de Tubarão no pleito de 1996, em que foi derrotado. Isso não o impediria de concorrer novamente ao cargo nas eleições de 2000, ganhando o pleito, o que se atribui também ao apoio dos jovens daquela geração, ligados ou não à Ajet.

Embora Stüpp tenha sido um dos ajetianos mais emblemáticos a galgar a liderança em nível nacional e caminhar nas duas esferas, apartidária e partidária, deixando certamente um legado

aos jovens empreendedores associativistas, também outros ajjetianos conquistaram espaço como líderes da CDL.

Em 1993, foi a vez de Luiz Antônio Botega assumir a entidade tubaronense, coordenando a diretoria e associados e as ações voltadas à melhoria constante do comércio da cidade. Bastante envolvido com os negócios da família, já possuía vivência empresarial, o que contribuiu também com a sua função. Da Ajet, ele foi fundador, responsável pelo primeiro estatuto e segundo presidente, possuindo respaldo e motivando outros a seguirem seu exemplo. Mais tarde, Toni, como é conhecido, ingressaria também como diretor da Acit. Ele foi presidente de uma instituição filantrópica que ampara crianças carentes, em Tubarão, a Joana De Angelis, e se tornaria referência levando o nome da família a uma empresa de duchas eletrônicas com destaque nacional.

O terceiro ajjetiano a tornar-se presidente da CDL foi Luiz Alberto Silvério. Beto Silvério, como é conhecido, e que, com seu irmão, Antônio Carlos, o Carlinhos, deu andamento aos negócios do pai, o empresário Osni Silvério, essencialmente no Comércio. Eles ingressaram juntos na Ajet, e, em 1995, Beto assumiu a presidência da CDL até 1996, participando, anos mais tarde, como diretor da Acit, onde o irmão atua como diretor executivo há quase dez anos. O nome de seu pai faz parte da relação de empresários que assinaram pela primeira vez a ata da Acit, em sua fundação, no ano de 1952. A participação do pai e seu ingresso na Ajet, junto com o irmão, determinaria a caminhada do jovem empresário pelas vias do associativismo, culminando em sua atual participação, como presidente, na Casa do Microcrédito, uma Oscip (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) que atua em nível regional na concessão de créditos de pequenas proporções, o chamado microcrédito ou crédito solidário, inspirado na

iniciativa do professor indiano Muhammad Yunus², idealizador e realizador de uma experiência pioneira de microcrédito conhecida no mundo todo e que lhe rendeu o Prêmio Nobel da Paz.

Na história da CDL, um ajetiano faria parte novamente da diretoria, como presidente, em 2003. Foi Isaac Tonon, o qual ingressou aos poucos no associativismo, participando da gestão de Murilo Bortoluzzi, e já imprimindo seu perfil ponderado e inteligente à entidade.

Ele afirma a importância da Associação Jovem em sua participação no associativismo: “A Ajet foi determinante na minha caminhada no associativismo. Lá, recebi as sementes que dariam frutos mais tarde, quando assumi a presidência da CDL. O modo informal de nos expormos, como maneira de incentivar o falar em público, e o estímulo ao jovem de sonhar sonhos para ele e para a sua cidade e região, marcaram a minha caminhada no associativismo.”

■ Ingressando no meio político

Outro aspecto importante na formação de líderes foi o fato de alguns dos integrantes da Ajet despertarem para a via político-partidária. Casos como o do primeiro presidente da Ajet, Jefferson Brunato, de Carlos Stüpp, dos ex-presidentes Murilo Bortoluzzi e Glauco Caporal Fernandes, são exemplos. Seu potencial para liderar processos e pessoas pôde ser confirmado e reafirmado no ambiente do poder público, exercendo cargos eletivos, ou não, porém tendo contato com o meio e imprimindo nele a bagagem que receberam nos anos de envolvimento com o associativismo jovem.

2 Economista indiano, Muhammad Yunus foi Nobel da Paz por tentar acabar com a pobreza através do Grameen Bank, banco que fundou em Bangladesh e que oferece ativamente microcrédito para milhões de famílias. Yunus afirma que é impossível ter paz com pobreza.

Glauco Caporal Fernandes foi um dos ajetianos que se envolveu nessa esfera política. Secretário de Indústria e Comércio do governo do então prefeito Carlos Stüpp, na primeira gestão, em 2000, Glauco ajudou a fundar a Ajet e revela que ingressou na política porque queria fazer diferença. Ele conta que, ainda na Associação jovem, muitos tinham pretensão política e, mais do que isso, tinham a pretensão de estimular jovens de sua geração a serem mais participativos neste âmbito. “Sabíamos que uma das missões da Ajet era formar líderes e, de certa forma, faltava representatividade para dar-se mais atenção às necessidades do Sul do estado, assim como acontece em nossos dias”, explica.

Hoje, nutre relação de carinho com a Ajet e busca compartilhar, sempre que convidado pela nova geração, os ideais nos quais acredita, para que a cidade de Tubarão se desenvolva e coloque em prática todo o seu potencial. “A Ajet me deu a possibilidade de enxergar a questão comportamental que envolve toda a história de uma cidade e uma região. De entender por que outras regiões, como o norte do estado, desenvolveram-se com uma velocidade diferente da região Sul”, conta.

Durante sua participação como secretário municipal, ele implementou programas focados no estímulo à geração de emprego e renda. Destaca-se o programa Santo de Casa Aqui Faz Milagre, que rendeu ao prefeito Carlos Stüpp, em 2004, o prêmio Prefeito Empreendedor, do Sebrae. Naquela edição, concorreram 58 prefeituras catarinenses. “A Ajet me reforçou este senso de que não basta questionar ou reclamar, é preciso participar.” Mesmo lembrando claramente as conquistas, Glauco ainda convive com certa inquietude. “As entidades com natureza como a da Ajet precisam formar líderes, pessoas dispostas a assumir os cargos dos atuais líderes. Há e sempre haverá o desafio de assumir o bom trabalho que um líder está realizando, mas é preciso oxigenar,

para que os que se doaram até aqui possam então se dedicar aos seus negócios mais intensamente, e outros se voluntariem ocupando os cargos transitórios”, destaca.

Fundador junto com Glauco, Jefferson Medeiros Brunato foi o primeiro presidente da Ajet.

Não demorou muito para que sua veia política, herdade da família, tornasse evidente sua posição de liderança. Foi vereador pela primeira vez em 1997, permanecendo por várias gestões. Foi também presidente de partido, secretário municipal de diferentes pastas em 2007, 2010, 2012, depois de concorrer como deputado estadual em 1998. Ele reforça a importância da representatividade sobre o destino de uma cidade, de uma região. “Ao fundarmos a Ajet, entendíamos que era preciso ter influência para chamar a atenção das diferentes esferas do governo. Isso ainda está aquém do que deveria ser, mas acredito que a Ajet contribuiu, pelo menos na formação de novos líderes”, afirma.

Enquanto a Ajet despontava como entidade com identidade junto ao jovem inquieto, de tantas ideias, e, proporcionalmente, sem tanto espaço para expressá-las, os primeiros sinais de envolvimento com a causa político-partidária surgiram nas atas da associação jovem, em meados de 1995. Em uma reunião ocorrida no Hotel Termas da Guarda, está registrada a sugestão, entre outras da pauta, de maior envolvimento dos ajetianos no universo político partidário. Carlos Stüpp já havia passado pela experiência de assumir a CDL e sinalizava o interesse de concorrer às eleições municipais em 1996. Na reunião do dia 3 de agosto daquele ano, levantou-se a possibilidade de a Ajet apoiar a candidatura de Stüpp à Prefeitura Municipal de Tubarão. Naquela noite, ele usou a tribuna, como era de costume aos associados, só que, dessa vez, para falar com mais ênfase sobre sua possível candidatura. Não se tratava apenas de apoiar um candidato vindo à Ajet para

pedir apoio, mas apoiar um ajetiano ao pleito. Por mais natural que parecesse, isso quebraria um paradigma da entidade.

O presidente na época, Luiz Fernando Corbetta, manifestou seu posicionamento de que a Ajet deveria manter-se neutra, permanecendo com o propósito de ser um fórum de ideias e questionamentos de seus associados e entendendo que todo candidato a um cargo eletivo deveria ser tratado de modo imparcial e igualitário. Esta postura permanece até hoje, a exemplo do que acontece com outras entidades de classe do município e região.

Em 2004, o presidente da Ajet era Jacinto Silveira. Embora de modo imparcial, ele lembra que a Ajet tinha a simpatia do ex-ajetiano Carlos Stupp e quase foi entendida como apoiadora política. “Mas sempre trabalhamos muito para manter a imparcialidade nessa questão”, estando este posicionamento acima das inclinações político-partidárias de seus associados.



Acima, na foto em preto e branco, a Diretoria da AJET em 1999. Nas coloridas, de cima para baixo, a posse da Diretoria em 2003 e, nas duas seguintes, a Missão empresarial do mesmo ano.



Imagens de 2006: nas mais altas, a posse da diretoria. Acima, o primeiro Feirão do Imposto realizado em Tubarão. À esquerda, reunião para o planejamento estratégico e a confraternização. Abaixo, em 2007, visita técnica à Thermosystem.





Momentos 2008: acima, o curso de gastronomia e visita à Câmara de Vereadores. À esquerda, o aniversário dos 20 anos da AJET, o Feirão do Imposto e reportagem de jornal sobre este evento. Nas duas abaixo, o Natal Solidário.



Carga tributária alta

Feirão do imposto promovido neste fim de semana pela Associação dos Jovens Empreendedores de Tubarão (AJET), revelou a quantidade de impostos embutidos nos produtos da cesta básica.

Medicamento **36%**

Dorflex

37%

37%

Impostos, impostos e mais impostos

Página 4



No alto, associados prestigiam a posse da diretoria para o período de 2009. Abaixo destas, a visita técnica à Ferrovia Tereza Cristina e o estande na Feincos. Acima, o lançamento do Enterro do Imposto e o almoço de negócios. À esquerda, curso de capacitação promovido pela Associação.



POR QUE ENTERRO DO IMPOSTO? PARA ONDE VAI O DINHEIRO?

A arrecadação de tributos no Brasil aumentou a cada dia. No entanto, a distribuição ignora o custo de tributos remessados, seja em bens produzidos domesticamente, seja em importações com os seus impostos.





Para que de todos uma parte, em dados concretos, seja 2009, incluindo que até o final do ano o brasileiro trabalhará apenas para pagar tributos, ou seja, praticamente 50% (cinquenta por cento) dos dias de um ano inteiro. No decênio de 1970 esse número era 3 e metade dos dias atuais.

Por isso, sendo o presidente do Conselho Administrativo de AJET, faz o seguinte pedido aos cidadãos: saiam pelas ruas e lute!

	2008	2009
Governo Federal	70,61%	69,54%
Governo Estadual	25,52%	25,88%
Governo Municipal	4,43%	4,58%

AINDA HÁ ESPERANÇA!
Apesar do continuo aumento da arrecadação das vitórias e a completa ausência de informação aos cidadãos, ainda há uma esperança. A lei máxima do nosso país, a Constituição Federal, determina que nosso político deva criar uma lei que determine "medidas para que os contribuintes sejam esclarecidos acerca dos impostos que incidem sobre mercadorias e serviços" (artigo 153, parágrafo 5º).

NÃO FIQUE DE LUTO. LUTE.



Em 2010, a diretoria da Associação tomou posse, como está registrado no alto, na foto maior. Ao lado desta, reunião de planejamento e confraternização. Acima, o Enterro do Imposto e uma de suas peças de divulgação. Ao lado, o Natal Solidário.

Painel Governança Familiar, realizado em 2011. Do mesmo ano são a visita à Vipel e o outdoor do Enterro do Imposto, ambos abaixo. Na foto maior, a confraternização.





No alto, o Almoço de Negócios promovido pela AJET em 2012. Abaixo dessa, no mesmo ano aconteceram, à esquerda, a confraternização da Associação, a Reunião de Diretoria e a primeira Reunião do Conselho Superior da entidade. Acima, dois flashes do Natal Solidário no Abrigo dos Velinhos de Tubarão.



O ano é 2013: no alto, a Semana do Jovem Empreendedor e seu painel de entrevistas. A direita desta, ainda durante o mesmo evento, homenagem aos fundadores e ex-presidentes da AJET. Acima, Assembleia Geral. À direita, visita à Termelétrica Jorge Lacerda, da Tractebel Energia (que hoje é Engie Brasil), e a peça publicitária que divulgou o Empreendedor Sangue Bom 2014 (abaixo), promovido pela AJET.





Nessas imagens de 2015, acima, a posse da Diretoria; à direita, o Encontro Regional Jovem Empreendedor (ERJE) e a Geração Empreendedora; abaixo, a confraternização.





Três acontecimentos da AJET em 2016: acima, o Café Político; à direita, o Encontro do Conselho Superior da entidade e, abaixo, o programa Eu Capacito.



CAPÍTULO III

A AJET E A
EXPRESSIVIDADE
ESTADUAL

[The text in this section is extremely faint and illegible. It appears to be a long paragraph or a list of items, but the characters are too light to transcribe accurately.]

■ De Tubarão para Santa Catarina

FUNDADO EM 1999 e, inicialmente, chamado de Facisc Jovem, por ser considerado o braço jovem da Federação das Associações Empresariais de Santa Catarina – Facisc, o Conselho Estadual do Jovem Empreendedor de Santa Catarina – Cejesc é o maior movimento jovem empreendedor do Brasil. Congregando as associações jovens de diferentes partes do estado, trata-se de uma entidade reconhecida pelo Conselho das Federações Empresariais de Santa Catarina – Cofem, formado pela Federação das Associações Empresariais de Santa Catarina – Facisc, pela Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina – Fiesc, pela Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas de Santa Catarina – Fcdl/SC, e pela Federação das Empresas de Transporte de Carga e Logística no Estado de Santa Catarina – Fetranesc, Federação das Associações de Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina – Fampesc, Federação da Agricultura e Pecuária de Santa Catarina – Faesc, Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo – Fecomercio como legítimos representantes dos jovens empresários catarinenses.

Mas o Cejesc não surgiu por acaso. Ele nasceu a partir de um grupo de jovens que se reuniu com o objetivo de desenvolver outros jovens líderes, empreendedores, empresários e executivos

que pudessem promover foros de debates e discutir os problemas sociais, políticos e econômicos sob o ponto de vista da nova geração de líderes da livre iniciativa. Qualquer semelhança com o propósito da Ajet não é mera coincidência.

Em 2003, de Facisc Jovem, o movimento recebeu o nome de Cejesc, com o intuito de amparar, defender, orientar e coligar os legítimos interesses dos jovens empreendedores junto aos poderes públicos, privados e demais entidades de classe, objetivando a divulgação do empreendedorismo e do associativismo, contribuindo desta forma para a formação de novas lideranças, tendo como consequência a representatividade através do relacionamento, capacitação e geração de negócios.

Na época em que foi criado o Cejesc, a Ajet estava às vésperas de completar sua primeira década. O presidente, Jacinto Silveira, recorda as primeiras movimentações para a estruturação da Facisc Jovem, que inevitavelmente contou com o envolvimento dos jovens da Ajet, os quais já agregavam certa vivência no movimento associativista.

Aliás, era nessa época que a Ajet vivenciava um novo ciclo, o de abertura da entidade. Seus diretores começavam a ser convidados para participar de encontros de outras Associações Empresariais da região, e, sem a pretensão de ser referência, acabaram fazendo escola para que mais associações jovens surgissem.

O ex-presidente do Cejesc Glauco José Côrte Filho afirma que, para fundar a instituição, eles utilizaram o exemplo da Ajet: “já tinha um relacionamento pessoal com o Murilo Bortoluzzi e com o Toni Botega, Nelsinho Fächter, Jacinto Silveira, e posso afirmar que realmente tomamos como espelho o que a Ajet vinha fazendo em Tubarão. O modelo que empregamos aqui foi praticamente o mesmo.” Ele menciona os ajetianos que vieram depois, como Max Nunes, Eduardo Nunes, igualmente importantes neste processo de

relacionamento e aprendizado, e fala da relação harmoniosa que tinham, motivados pela amizade, mas também pelos interesses comuns. Lembra que aquele relacionamento trouxe como outra consequência, o envolvimento maior no Cejesc, dos membros da Ajet, conduzindo-os a assumir cargos como o de vice-presidente regional. “Isso tudo veio confirmar que, quando o jovem se envolve com as questões associativistas, a inovação se dá de forma natural. As conquistas da Ajet, de incluir na presidência da Acit, por exemplo, alguns de seus ex-integrantes, é algo que, seguindo o exemplo, conseguimos no Cejesc, há menos tempo, cerca de quatro ou cinco anos”, citando nomes como o de Doreny Caramori Júnior e Sander Lúcio, que começaram no Conselho jovem e, posteriormente, passaram a liderar a Associação Empresarial de Florianópolis.

Uma das características da Ajet que inspirou os jovens do Cejesc foi atrair inicialmente os filhos de empreendedores, e, posteriormente, num ciclo natural, chamar a atenção de jovens, então empreendedores, independente de serem os sucessores das empresas. Justamente, abrir espaço para os jovens, independente de serem os filhos dos donos do negócio, é uma premissa do movimento, hoje. Mas ele concorda que o movimento associativista jovem contribui significativamente para que o filho do empreendedor identifique e encontre sua identidade dentro e fora do negócio de seu pai, concluindo que “o foco continua sendo a formação de lideranças.”

Para Maurício Ramos, primeiro presidente da Acif Jovem e do Cejesc, a Ajet foi estratégica na constituição do movimento jovem associativista no estado. “Vínhamos de uma experiência de núcleo setorial ligado a uma Federação, a Facisc. Mas a Ajet tinha vida própria, era independente. Ela foi a primeira entidade jovem a nos motivar a estruturar o movimento nesse formato atual. Um dos nossos objetivos foi contribuir com a aproximação entre Ajet e Acit, a fim de que

ela tivesse legitimidade dentro da Associação de Tubarão. Se não fosse assim, teríamos dificuldades de formatar o modelo”, explica. Quando fala da Ajet, é indiscutível o quanto a experiência da entidade contribuiu com a formação do Cejesc. “A Facisc jovem não existiria se não fossem os núcleos setoriais espalhados no estado. Havia, no entanto, essa carência muito grande de exemplos práticos, de ações reais e concretas, e não apenas nos basearmos na palavra, na retórica. Não seria tão fácil chegar a várias partes do estado sem termos um modelo que daria certo, como o da Ajet, ainda que tivéssemos o apoio dos presidentes das Associações Empresariais.”

Quando fala do jovem de hoje comparando-o com o jovem de 25 anos atrás, Maurício Ramos pontua diferenças dos perfis de cada um. “Hoje, as coisas estão meio prontas. Há entidades que apoiam os jovens. Mas desafios como a sucessão para que o movimento não acabe, e, pelo contrário, ganhe força, precisam ser continuamente vencidos.” Outro desafio em âmbito estadual é ganhar espaço dentro das entidades.

Esta busca por legitimidade sempre existiu. O ex-presidente da Ajet Miguel Longo descreve uma das experiências vivenciadas nesta época. “Fomos convidados pela Associação de Braço do Norte, a Acivale, para uma palestra com jovens empresários. Nossa percepção era de que estaríamos somando com a experiência da Ajet, pois a pauta era a formação de uma associação jovem, mas num grupo inicialmente pequeno. Quando chegamos, eu e o Rodrigo Lapolli, ficamos surpresos porque a sala estava lotada, um auditório de 80 pessoas, com expectativas em nossa presença, onde nós éramos os palestrantes da noite. Ficamos assustados. Não dimensionávamos. Tempos depois, em Criciúma, aconteceu a mesma coisa.”

Foi quando começaram as movimentações para a criação da Facisc Jovem. Jacinto conta que, certa vez, foi a Minas Gerais para um encontro ligado ao movimento associativista jovem, e, lá,

todos sabiam quem era a Ajet. “A discussão era saber se a Ajet era a mais antiga do país. Foi o primeiro evento da Confederação Nacional do Jovem Empresário – Conaje. Cheguei lá e tinha um paraense de 20 anos, isso em meados de 98. Foi quando começou a surgir o movimento Cejesc. Nossa participação foi útil para a formação. Eles queriam informações. Fomos úteis, mas também aprendemos muito. A Ajet foi referência para muita gente. Quando retornei do evento, voltei impactado. Nós éramos mais do que imaginávamos, mas os caras estavam bem mais preparados”, conta.

Para André Gaidzinski, ex-presidente do Cejesc e ex-vice-presidente da Facisc, não há dúvidas de que a Ajet é a precursora do movimento associativista jovem no estado. “A Ajet envolveu várias lideranças políticas e empresariais na cidade de Tubarão, renovou a Acit, sempre foi um núcleo atuante e com um posicionamento claro dentro da Federação e, como um dos núcleos mais antigos do país, serve de exemplo na formação do jovem empreendedor”, afirma. Entusiasta quando fala da Associação Jovem Tubaronense, Gaidzinski lembra que, de entidade independente, a Ajet viveu um novo momento, integrando-se à Acit e crescendo com isso. No modelo de hoje, segundo ele, e independente do contexto econômico, social e político global, o jovem quer estar presente no movimento que articula tantas bandeiras, e isso serve de exemplo para outros estados. “No movimento jovem, aquele que participa se torna mais comunicativo, desenvolve seu espírito empreendedor, faz relacionamentos, entende melhor o contexto da cooperação e, à medida em que isso contribui com ele, seu engajamento contribui com a capilaridade da Federação e com o fortalecimento do associativismo.”

Um dos desafios das associações jovens que despontavam, tendo como modelo a Ajet, era ser imparcial, apartidária apesar de política. Rodrigo Caporal lembra que a Ajet foi fundamental para a criação do movimento associativista jovem estadual. “Eles

queriam criar um movimento, mas queriam nossa legitimidade. Usavam a gente para dar suporte. Entendemos que os primeiros 10 anos foram para formar, entender o propósito da Ajet. Depois disso, sentíamos a responsabilidade de ser referência onde fôssemos”, conta Rodrigo, ex-presidente da Ajet.

Ao lembrar sua época, Thiago Fretta, ex-diretor, reforça que a Ajet da primeira década foi marcada por um laço social, uma grande amizade entre seus integrantes. Rodrigo diz que fazia questão de promover eventos para agregar, reunir, e Jacinto completa: “O que nos movia era a vontade muito grande de fazer. Se tivéssemos a experiência de hoje, com a vontade da época, faríamos muita coisa.”

Aliás, o espírito da época era “ser desprezioso.” Miguel faz questão de mencionar que estavam envolvidos na Ajet, porque gostavam: “para a posse do Carlos (Stüpp) como presidente da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas – CNDL em Belo Horizonte, fomos em uns quinze ajetianos, mais ou menos. Marcamos presença, assistimos, éramos até meio ingênuos. Entramos lá, nem nos lembramos de fazer em tempo uma faixa, algo que mostrasse a força da nossa cidade e a importância que aquela representatividade tinha em nosso contexto. Mas conseguimos fazer de última hora e, na posse dele, em nível nacional, ele reservou uma parte no discurso para mencionar a experiência que teve na Ajet e a importância da entidade em sua formação como líder.”

Jacinto diz que tudo era feito realmente com o coração e não tanto com a razão. “Fazíamos tanto por emoção, por impulso, que eu não tinha sequer um terno, aos 23 anos. No evento de 10 anos da Ajet, ensaiei o discurso com um terno emprestado, em cima da mesa da sala.”

Aquela geração de ajetianos revela que a criação da Facisc Jovem também foi útil para que a Ajet entendesse sua expressividade. “Antes de formar a Facisc jovem não tínhamos ideia de que a Ajet

e suas ações repercutissem daquela maneira. À medida que começamos a sentir a responsabilidade, foi se profissionalizando a visão”, lembra Miguel.

Os relatos de sua diretoria mencionam que as ações e princípios plantados na gestão de Miguel foram mantidos pela gestão posterior e expandidos, em nível estadual, na gestão de Nelson Fächter Filho, o Nelsinho.

Para Doreny Caramori Júnior, que também integra o Cejesc e, a partir do movimento jovem, foi presidente da Associação Empresarial de Florianópolis, estar acima de vaidades foi um fator predominante para que a Ajet conquistasse espaço em meio às entidades, em especial a Acit, motivando-a a integrar-se posteriormente ao Conselho Estadual. “Participamos deste trabalho de aproximação, o que nos traz um exemplo neste processo de construção do associativismo jovem no estado, que trago também como exemplo para a minha vida associativa, por ter participado de perto deste processo. A Ajet começou o movimento jovem fundando a associação e inspirando núcleos, pelo seu pioneirismo, mas, principalmente, pelo espírito de cooperação.” Ele lembra também a forte adesão da Ajet aos eventos estaduais e a participação sempre assídua.

O ex-presidente da Ajet Gabriel Estevão da Silva respondeu no Cejesc pela vice-presidência regional Sul da Gestão 2013/2015, auxiliando na difusão do conceito de associativismo jovem pela região. Até 2015, cerca de 60 núcleos jovens atuavam em Santa Catarina, envolvendo mais de 1.280 jovens.

Representante legítimo do empreendedorismo jovem catarinense, o Cejesc faz com que o mundo volte os seus holofotes para as suas iniciativas e capacidade de fazer sempre mais e melhor. Sua missão é integrar e capacitar os jovens empreendedores de Santa Catarina, incentivando e fortalecendo o empreendedorismo, fomentando negócios, desenvolvendo lideranças e ampliando a representatividade.

■ Ajetianos que integraram o Cejesc

O ex-presidente Jacinto Silveira foi o primeiro a integrar a Facisc Jovem, como vice-presidente. Depois dele, vieram Nelson Füchter Filho, Rodrigo Caporal Rocha, Luciano Rodrigues Marcelino, Guilherme Gonçalves Pereira, Giovani Bernardo, Douglas Saul Garcia, Gabriel Estevão da Silva, Carolina Winckler e Pâmela Bressan.

De acordo com Luciano, foi fundamental para sua participação no Cejesc o apoio do amigo pessoal, Jacinto, que o auxiliou em muitos momentos na Ajet; e, do mesmo modo, o incentivo do ex-presidente Rodrigo Caporal. “Ele me ajudou a não deixar de participar, ele foi uma espécie de *coach*. Havia sido diretor do Cejesc e ia sozinho às Assembleias. Na época, não existia o papel dos vice-presidentes como é hoje, com o Gabriel, por exemplo”, menciona, dizendo que descobriu a importância das Assembleias Gerais Ordinárias – AGOs ainda quando o presidente do Cejesc era Glauco Côrte Filho. “O André (Gaidzinski) abriu a vice-presidência Sul e me convidou, no segundo ano da minha gestão na Ajet. Assim, passei a ser o primeiro vice-presidente do Sul, no Cejesc.”

Da participação inicial até os dias atuais, envolver-se com uma entidade associativista em nível estadual foi determinante para o crescimento da Ajet e seus integrantes.

Giovani Bernardo, ex-presidente da Ajet, também fala da importância deste envolvimento com o movimento associativista estadual. “Em 2011, houve uma ampliação da participação da Ajet no Cejesc. Como frutos, durante minha gestão como diretor de capacitação idealizei a Universidade Corporativa Cejesc – UCC, e o Guilherme³ assumiu como primeiro Vice-Presidente Executivo em 2013. Sabemos que as coisas no associativismo não

3 Guilherme Gonçalves Pereira, ex-presidente da AJET que esteve à frente da entidade nos anos de 2007 a 2009, foi 1º Vice-Presidente Executivo do CEJESC, Gestão 2013/2015.

acontecem a curto prazo, por isso mais uma vez reforçamos que estamos colhendo o que foi plantado há mais de 25 anos, com a fundação da Associação Jovem de Tubarão.”

Guilherme ressalta que, durante o período em que esteve à frente da primeira Vice-Presidência Executiva do CEJESC, pôde levar um pouco do sentimento associativista do ajetiano para todo o Estado, já que, na verdade, somente estava ocupando essa função porque um dia começara na Ajet. “Foram muitas as realizações, enfatizando-se os projetos ambientais, através dos quais, por exemplo, economizamos cerca de 10 mil copos descartáveis; o expressivo crescimento de jovens no Conselho, com um aumento de quase 40%. Também mostramos nossa força para a CONAJE⁴, quando fomos líderes no questionário do perfil do jovem empreendedor brasileiro com mais respostas que o segundo e o terceiro colocados juntos, algo que levou a mim e ao Giovani às cadeiras na Diretoria dessa entidade de representação nacional.” Outra grande conquista lembrada por ele foi a “realização da Semana Estadual do Jovem Empreendedor, na qual, em duas edições, atingimos praticamente 4 mil jovens em Santa Catarina e também o número de mais de dois mil jovens que prospectaram negócios nas 23 Assembleias Gerais que organizamos. Nada disso seria possível sem a Ajet, pois, em todas essas atividades, a Associação foi uma referência para mim e para todas as cidades do Estado, sempre participativa e propositiva, um verdadeiro exemplo associativista.”

O também ex-presidente Douglas Saul Garcia lembra uma AGO realizada em Tubarão, durante sua gestão, que reuniu jovens de todo o estado para falar, entre outros assuntos, de sucessão familiar. Este seria um dos vários encontros que atrairiam centenas de jovens empreendedores de várias partes do estado, ao município.

4 Confederação Nacional do Jovem Empresário.

O ex-presidente Gabriel Estevão integrou a vice-presidência regional Sul, sucedendo Douglas. “Nosso intuito é perpetuar o movimento de alguma forma, colaborando ao máximo para deixar a marca da Ajet no contexto estadual e deixar sucessores que sonhem e tenham a mesma motivação”, completa.

■ AGOs – participação ativa

As Assembleias Gerais Ordinárias – AGOs do Cejesc levam os jovens empreendedores associativistas aos mais distantes cantos do estado. É quando fica evidente a expressividade regional do movimento associativista jovem.

Quando comemorou seus 25 anos, a Ajet recebeu, em Tubarão, uma das edições da AGO. Jovens de várias partes do estado vieram à Cidade Azul, onde puderam conhecer de perto a realidade vivenciada pelos jovens empreendedores, conhecer a cidade, a realidade empreendedora do Sul e os desafios da região, em termos de desenvolvimento.

Logística é, sem dúvida, uma das conquistas que a classe empresarial espera concretizar. Às margens da BR101, Tubarão fica estrategicamente localizada: próxima ao Porto de Imbituba, sedia a Ferrovia Tereza Cristina, que faz a gestão da malha ferroviária Sul Catarinense, a qual batalha pela sua integração com a malha ferroviária nacional. Também está a quinze minutos do Aeroporto Regional Sul Humberto Bortoluzzi, em Jaguaruna, que teve seu primeiro voo comercial em abril de 2015. Ainda assim, marcas expressivas que são líderes de mercado, estão localizadas em Tubarão, muitas das quais tiveram ajetianos em suas gestões.

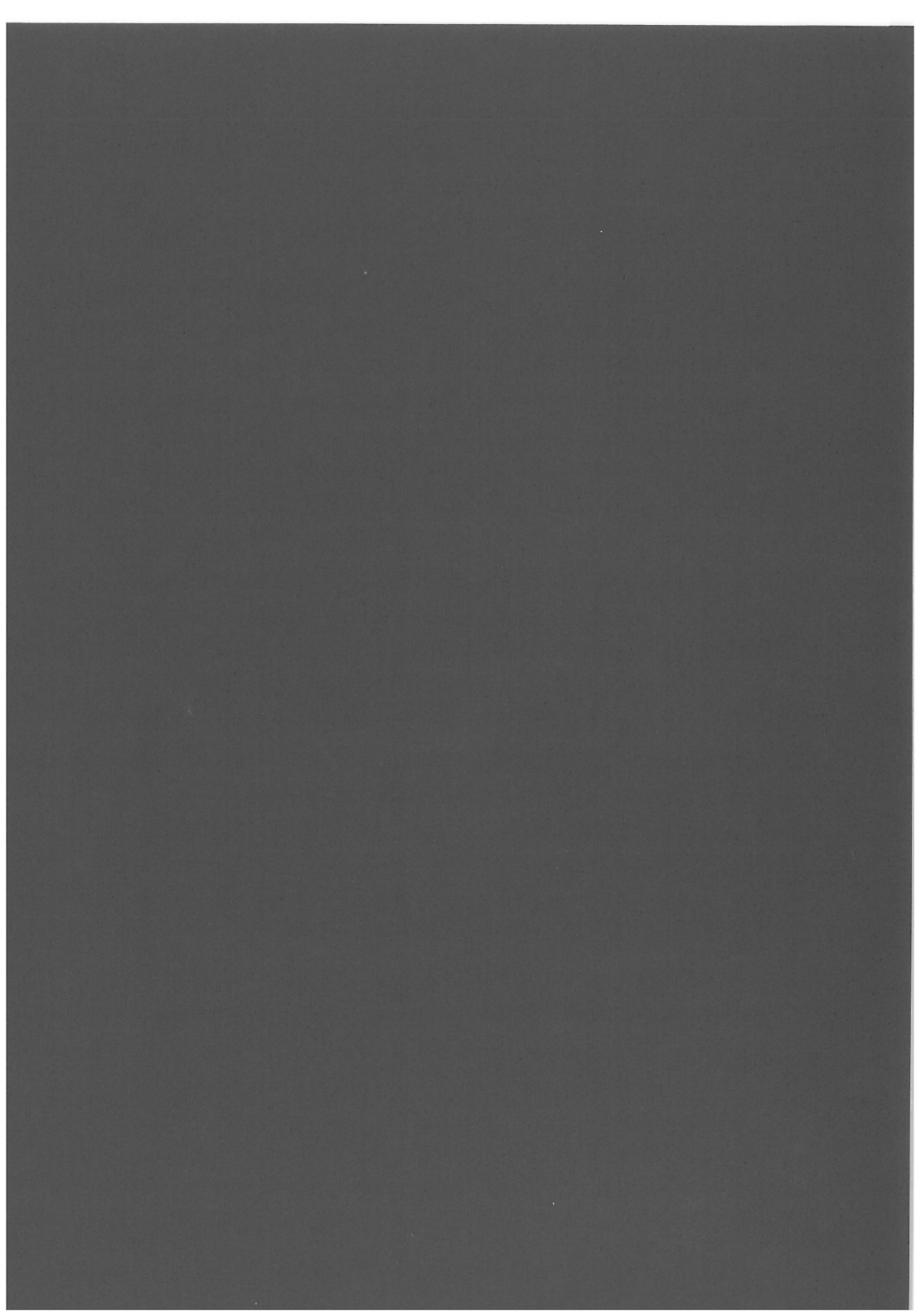
Para os atuais membros do Conselho da Ajet, integrados ao Cejesc, é um desafio percorrer o Estado, mas a experiência compensa. “Isso contribui para que a Ajet se torne cada vez mais

representativa, levando sua história de pioneirismo a várias partes do estado, e também amplia a rede de contatos, o que é muito saudável e positivo”, reforça Guilherme.

O ex-presidente Douglas começou a participar das AGOs com o ex-presidente Luciano Marcelino. “É uma oportunidade e tanto de entendermos outras realidades, de testemunharmos como o associativismo jovem tem se expandido e quais suas perspectivas pelo estado. Também podemos ter contato com presidentes, diretores, associados e essa troca de informações é muito rica, apesar de percorrermos um estado tão grande e isso exigir de nós um investimento de tempo. Mas posso dizer, vale a pena.”

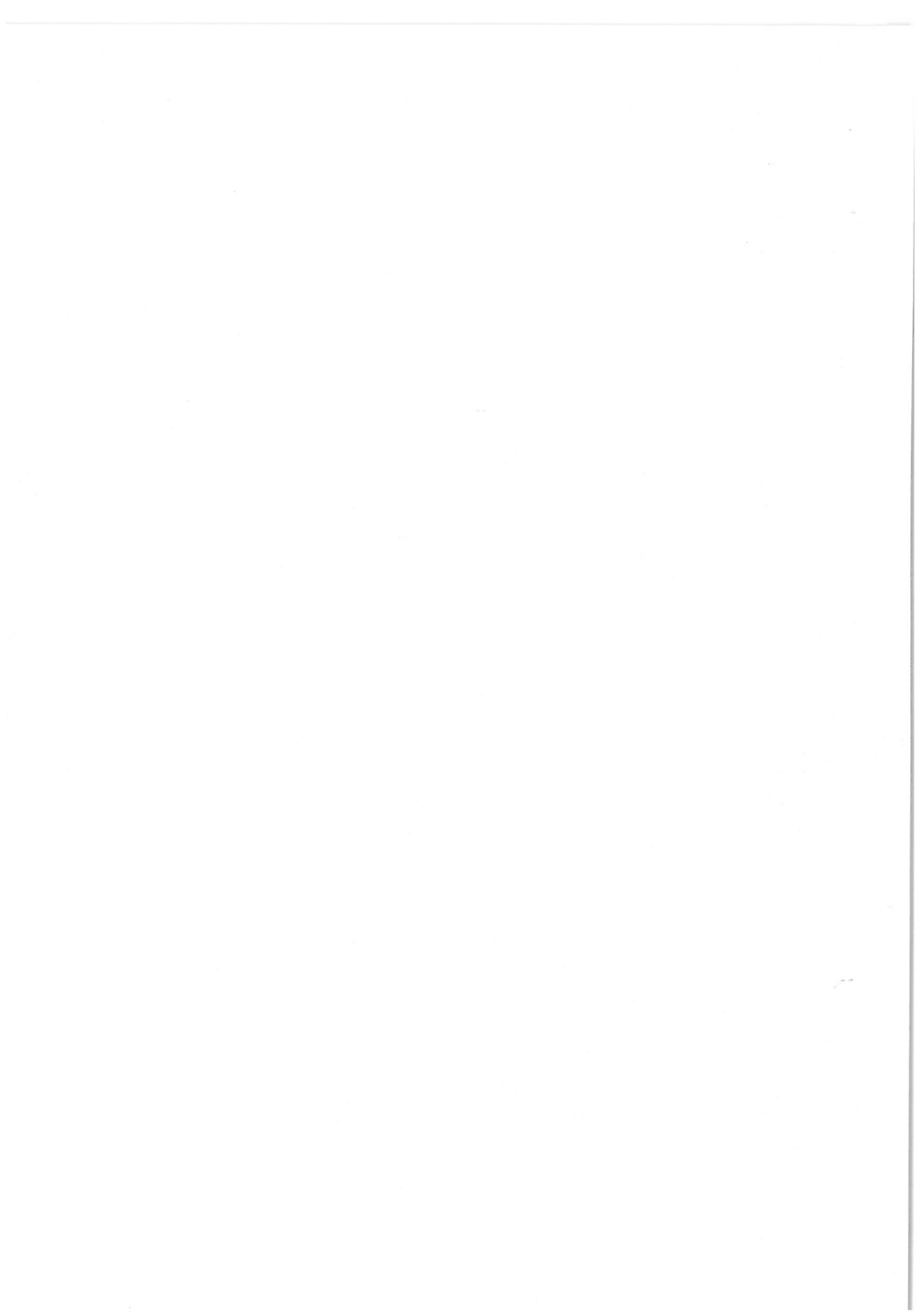
Giovani Bernardo, também ex-presidente, habituou-se aos longos percursos e entende, da mesma forma, que eles são necessários. “Vale lembrar que, da mesma forma que prestigiamos eventos dos jovens empreendedores de outras cidades e regiões, dependendo um tempo precioso do nosso dia a dia, temos o privilégio de receber aqui, em nossa cidade, jovens de várias partes do estado, conhecendo nossa realidade na Associação Jovem, e, também, conhecendo o potencial de nossas empresas.”

Como resultado da participação e empenho dos jovens tubaronenses na diretoria da CONAJE, apoiados pela força do movimento estadual catarinense, em outubro de 2016 o ex-presidente Guilherme Gonçalves Pereira foi indicado a presidente da CONAJE, para o período 2017/2018. A chapa única foi fruto de consenso entre todos os associados da CONAJE, representantes de 24 Estados da Federação, o que reforça, além de amadurecimento, a reverberação de ideais da Ajet e do movimento jovem estadual catarinense na busca de unidade, objetivos comuns e reconhecimento do mérito à frente de vaidades e regionalismos.



CAPÍTULO IV

UMA ENTIDADE JOVEM
AMADURECENDO



ÀQUELA ALTURA, diferente dos desafios iniciais, os entraves dos jovens empreendedores da nova geração de ajetianos eram outros. O ex-presidente Rodrigo Caporal Rocha lembra que a Ajet precisou de cerca de seis anos, a partir de sua fundação, para se estabelecer e ganhar espaço. Integrante da diretoria que prepararia a entidade para completar seus dez anos, Thiago Fretta conta que hoje tudo está mais democrático, mais acessível, mas o perfil do jovem também mudou. “O momento atual é diferente. Hoje, se você quer fazer visita a uma empresa, pode ir até sozinho, consegue acesso. Antes, as pessoas não abriam as portas das empresas assim. Precisava ser um grupo formal, oficial, e, nesse caso, a Ajet foi fundamental.”

Nesse período, questionavam-se os efeitos da cidadania corporativa nos negócios, e o mercado assumiu que o consumidor teria condições de analisar e avaliar o comportamento ético de uma empresa e passaria a incluir esse fator em suas decisões de consumo. Isso transformaria tais atitudes em ingrediente de gestão empresarial e gerenciamento de marcas, e a responsabilidade passou a se transformar em instrumento de comunicação empresarial. Desta forma, para conquistar mercados, não bastava dar empregos e recolher impostos. O negócio precisava ser socialmente responsável. Inclusão social, digital, sociocultural, tudo isso virou

ativo empresarial de primeira grandeza, daqueles que mais “agregam valor” ao negócio.

É nessa fase que nasce a Google, empresa multinacional de serviços online e software dos Estados Unidos. Fundada pelos estudantes de Stanford Larry Page e Sergey Brin, hospeda e desenvolve uma série de serviços e produtos baseados na internet e gera lucro principalmente através da publicidade pelo AdWords. Sua missão declarada foi “organizar a informação mundial e torná-la universalmente acessível e útil.”

A Ajet também estava mudando com esses quase dez anos de experiência. As características do associado, a começar pela diretoria, eram outras. A entidade recebia e provocava uma mudança significativa no perfil do jovem empreendedor. O primeiro grupo de ajetianos, formado pelos filhos de empresários, focou na ideia de criar uma associação jovem, fortalecê-la, ganhar adeptos. Passados dez anos, o perfil passaria a ser de jovens empreendedores, com sua vocação e identidade claras, familiarizados, ou não, com o ambiente corporativo familiar. Já não era preciso provar para os outros que podiam empreender, e sim, vivenciar os desafios de empreender, na prática.

Jacinto é um desses casos. O ex-presidente ajetiano representa a primeira geração, em sua família, a ingressar no empreendedorismo. Trabalhava como funcionário de uma indústria cerâmica da cidade. Ingressou na Ajet, efetivamente, em 1997, na gestão do presidente Nelson Fächter Filho. Com a veia empreendedora aguçada, destaca um feito durante uma das missões da Associação, quando, em uma visita à Weg, fez parar o ônibus, desceu correndo e retornou com dois sacos de areia nas mãos, colocando-os no porta-malas do ônibus. Tinha parado em Araquari, na Areias Veiga, onde colheu amostras para a produção de argamassa e rejuntas. “Ali começou a Tecnocola”, revela, sua primeira

empresa, que, anos depois, seria vendida para a multinacional Saint Gobain. Não foi à toa que o nome original da Ajet passaria, nesta fase, de Associação de Jovens Empresários de Tubarão para Associação de Jovens Empreendedores de Tubarão.

Outra experiência marcante aconteceu com o filho de empreendedores Nelson Fächter Filho. Nelsinho – como é conhecido – é hoje diretor geral de uma empresa familiar, a concessionária da marca francesa Citroën. A Le Monde representa exclusivamente a marca em Santa Catarina e detém uma fatia considerável do mercado, feito que ele também deve, em parte, à sua participação na Ajet. “Um dos pontos mais importantes para a abertura de portas e início do negócio foi a rede de contatos que estabeleci a partir do envolvimento com o associativismo jovem. Outro fator importante foi a segurança em lidar com assuntos corporativos e ousadia para desbravar um mercado, de certo modo, desconhecido”, conta. Na Acit, foi sua a missão de integrar a diretoria da entidade, representando o jovem empreendedor. “Eu estava reunido com os tubarões de Tubarão”, declarou o ex-ajetiano, que faz parte da terceira geração de empreendedores de sua família, fundadora da extinta Comat.

■ Evento irreverente jovem

Eventos emblemáticos não faltam na história da Ajet. Fato marcante, ainda na gestão do ex-presidente Jacinto, foi o evento em comemoração aos dez anos da entidade. Incumbido de falar em nome da Ajet como presidente na época, ele descreve o desafio de falar em público. “Dias antes do evento, vesti um terno emprestado de um amigo, subi na mesa e fiz o discurso. Na hora, confesso, não saiu nada como eu gostaria, mas valeu a experiência.”

Depois que completou 10 anos, coube ao então presidente Cristiano Orlandi receber jovens empreendedores de todo o estado em um evento que marcaria a história da jovem associação. Aquela diretoria ficaria comprometida com a organização do evento durante boa parte da gestão, num trabalho intenso para fazer bonito aos visitantes.

Deu certo. Eles conseguiram reunir no Centro de Convenções e Eventos de Tubarão – Cecontu, um público expressivo em uma programação com palestras e mesas redondas motivadoras e inspiradoras. Entre os palestrantes estava o empreendedor Morongo, da marca Mormaii, um gaúcho que adotou Santa Catarina como local para viver e viu sua marca crescer pela paixão que o motivava.

Cristiano Orlandi foi um dos primeiros profissionais liberais a participar da Ajet. Advogado, integrava uma família tradicional tubaronense, mas foi com seu perfil que contribuiu com a entidade, reforçando que, para tornar-se associado, o pré-requisito não precisaria ser fazer parte da indústria ou do comércio, mas ser arrojado, ter boas ideias, querer contribuir, somar com sua carreira, ainda que fosse na prestação de serviços.

■ **Clima de cooperação**

Das memórias marcantes da época, Thiago lembra o clima de cooperação entre os diretores, sem focar a promoção pessoal, o ego. “Lembro-me da pressão do Miguel (Longo) para me convencer a ser presidente, apesar de eu não querer. Era um clima de cooperação sempre. Lembro-me de um e-mail que o Rodrigo (Caporal) me passou quando decidiu assumir a presidência, me convidando para contribuir e me chamando de comendador.”

■ De empresarial a empreendedora

Poucos anos depois de completar sua primeira década, e na busca constante por estabelecer sua identidade, a Ajet sofreu uma mudança em sua nomenclatura. De Associação do Jovem Empresarial de Tubarão, a entidade passaria a chamar-se Associação do Jovem Empreendedor de Tubarão, nome que a identifica até hoje. Esta foi uma das ações relevantes da gestão do presidente que assumiria a entidade após uma década de sua fundação.

O jovem empreendedor Carlos Eduardo Nunes, também conhecido como Du Nunes, estava habituado ao meio associativista. Seu pai, o empreendedor Argemiro Nunes, havia presidido a Associação Empresarial de Tubarão – Acit, e, com seu irmão Max Cesar Nunes, não foi diferente. Aliás, Max era presidente da Acit quando Carlos Eduardo assumiu a Ajet. “O fato do meu irmão ter saído da Ajet e presidir a Acit durante a minha gestão, facilitou ainda mais o acesso dentro da Associação Empresarial”, conta, lembrando que foi nessa época que a Ajet passaria a estabelecer sua sede na Acit. “Como irmãos, trocávamos ideias sobre as duas entidades até mesmo no ambiente familiar, e isso facilitou o alinhamento de todas as questões para que pudéssemos efetivar a parceria.”

A mudança da nomenclatura, no entanto, deu-se por outro motivo. Quando Carlos Eduardo assumiu a Ajet, a entidade vinha perdendo força, com pouca participação dos fundadores e dos associados. Uma das alternativas para movimentar e oxigenar a Associação foi reunir jovens empreendedores em um encontro no Céu da Boca, restaurante conhecido na cidade e de propriedade de um jovem empreendedor, o também ajetiano Ivan Campelli, com o intuito de discutir a renovação da identidade visual e a mudança do nome. A perspectiva, com isso, seria sinalizar uma nova etapa na vida da entidade e de seus associados, ampliando

também a abrangência do quadro associativo, inserindo mais profissionais liberais e prestadores de serviços, além de consolidar os representantes da indústria e comércio. Com isso, seguia ainda a tendência de outras entidades de classe, como a própria Acit, que teve seu nome mudado também de Associação Comercial e Industrial para Associação Empresarial de Tubarão.

O nome foi aprovado na reunião, pela maioria dos associados, assim como a nova comunicação visual.

O crescimento de mulheres empreendedoras no mercado de trabalho foi outro ponto que chamou a atenção durante aquela gestão. Até então, a Ajet era uma entidade formada exclusivamente por homens, e inserir mulheres em seu quadro associativo seria uma forma de expandir sua atuação e fomentar a troca de ideias entre os diferentes públicos.

Outro aspecto que o ex-presidente destaca foi a busca pelo retorno dos fundadores da Ajet às atividades da Associação. “Para crescer, é preciso estar onde os melhores estão. Precisávamos aprender com eles, com a sua experiência. Não poderíamos perder isso.” Este pensamento resultou em missões empresariais com um público mesclado entre a nova e a velha guarda da Ajet.

Ele cita uma em especial, a Porto Alegre, quando participaram de um evento do segmento associativista. “Conversamos muito, trocamos ideias sobre os rumos da Associação. Isso foi muito positivo.”

Carlos Eduardo Nunes ficou apenas um ano à frente da entidade. Depois disso, dedicou-se ao automobilismo, sonho antigo que precisava colocar em prática. Mas confessa que ter participado da Ajet foi determinante na carreira, tanto como esportista, como empresário, função que exerce hoje, no ramo de tecnologia. “Participar do movimento associativista me deu bagagem para muitas situações que vivencio hoje. O associativismo mostra que, em muitos momentos, a ideia para o teu negócio pode vir da

contribuição de outra pessoa, somando ao que tu já idealizas. Além disso, a rede de relacionamento que se forma com o associativismo é chave para encurtar os caminhos.”

Ainda com pouco mais de 10 anos de fundação, a Ajet se revelava um fórum aos jovens, para que pudessem expressar, muitas vezes pela primeira vez, sua opinião. Era e é um lugar onde a pouca idade e a inexperiência não são obstáculos para se fazer diferença no meio corporativo e também na sociedade onde se está inserido.

■ Planejamento estratégico

A gestão de Du Nunes seria o princípio da reestruturação, assumida por Luciano posteriormente. Passada esta primeira fase, uma nova etapa marcaria a história da Ajet. Era chegado o momento de planejar os rumos, e o perfil do presidente e sua diretoria determinariam um novo estágio na caminhada do empreendedor jovem, dentro e através do associativismo.

Victor Larroide sucedeu a Carlos Eduardo, antecedendo Luciano Marcelino. Professor universitário, Luciano conta que Vitor, Mario Raphael Prudêncio e Leo Benedet, estes dois últimos, integrantes da gestão de Vitor, o convidaram seguidas vezes para conversar mais sobre a Ajet e os rumos que a entidade tomaria. Marcaram um encontro no Céu da Boca, onde a pauta foi a transição para uma nova fase. “Discutimos o movimento. Eles conheciam alguns dos meus trabalhos sobre empreendedorismo, através do meu envolvimento com a Unisul, mas me pegaram de surpresa. A Ajet estava quase que estacionada. O fulgor do movimento estava parado. Não tinha sede, nem escritório. Não havia mais encontros regulares.”

Ele lembra que, depois de ler documentos e atas da Ajet, sua percepção acerca da entidade mudou. Ao assumir a presidência em 2006, Luciano profissionalizaria a gestão, dando, com isso,

uma verdadeira “virada” e o *start* para a atual geração de presidentes da Ajet e de uma nova leva de jovens empreendedores associativistas, até os dias atuais.

Luciano seguia sua carreira na universidade. Apesar do empenho de Carlos Eduardo Nunes, a discussão, que começou na gestão do presidente Jacinto, seu amigo pessoal, continuava sendo a de firmar a identidade da Ajet como focada em empreendedores, e não apenas em empresários. Apesar da mudança de nome na gestão de Carlos Eduardo, seria preciso consolidar a nova identidade.

Leo Benedet destaca que, antes de Luciano, a Ajet era mais informal. “Éramos empresários e, depois disso, houve uma mudança. Passamos a ser mais maduros, mais profissionais no que estávamos fazendo.” Já não era suficiente fazer encontros para trocar ideias e confraternizar. A participação ativa na Associação jovem implicaria executar um planejamento, tratando de modo mais profissional a contribuição da entidade com os assuntos da sociedade.

Luciano lembra o momento em que teve contato com a Ajet. “Havia participado de alguns eventos da Ajet no ciclo anterior. Era sócio e amigo do Jacinto, entusiasta do movimento e ex-presidente. Foi no evento realizado na sua gestão, que, há quase dez anos fora de Tubarão, me surpreendi com o trabalho da Ajet.” Passaram-se alguns anos, ele conheceu Mário Raphael, Leo, Victor e Eduardo Roussenq. O também amigo pessoal e consultor, ex-diretor executivo da Acit, Marcos Fortunato fez a ponte para a conversa que o incentivaria a assumir a entidade. “Apesar de todo o esforço, eles lamentavam nesse dia, que a Ajet se tivesse restringido àqueles quatro integrantes, praticamente. A entidade precisava de um novo fôlego, um novo ânimo. Eu havia sido fundador da Focco, empresa Júnior da Universidade, em Tubarão, e

isso trazia certa bagagem; também coordenava a incubadora Crie, da Unisul. Naquele dia, o Marcos foi fundamental no processo e, apesar de apreciar o desafio de assumir, condicionei essa possibilidade à participação deles.”

A primeira coisa que fez, ao assumir a entidade, foi inteirar-se do histórico da entidade, a partir das primeiras atas e das ações dos fundadores. Ali, tomou ainda mais conhecimento da relevância da entidade, especialmente no que diz respeito aos assuntos da sociedade, como a criação da nova rodoviária e, até mesmo, o movimento pela construção de um aeroporto regional do Sul.

Mas a entidade estava declinando. Faltava planejamento que resgatasse a missão da Ajet. Foi, portanto, a primeira coisa que fez em sua gestão. “Havia uma causa, uma missão muito nobre que estava se perdendo”, lembra.

A segunda coisa que chamou atenção foi a relação de ex-ajetianos e até integrantes que faziam parte do quadro de associados, mas não estavam atuantes. Convocou um a um. Eles pagavam mensalidades, mas não participavam, e o objetivo era, sem dúvida, participarem.

Havia um conflito declarado na época: de fato, a Ajet era de empresários ou de empreendedores? O estatuto havia mudado fazia pouco tempo, na gestão do Víctor Larroide. Mas até mesmo este documento precisou ser localizado no cartório, para que se tivesse a confirmação desta mudança.

A proposta da reunião de sensibilização, após assumir a entidade, seria, então, de formalizar os encontros, criar um protocolo, a exemplo do que Luciano havia experimentado em sua participação no Rotary Clube. Deu, assim, novos critérios aos encontros, onde, no fórum de discussão, os problemas levantados deveriam vir acompanhados de sugestões de soluções e viabilização. “Muitos daquele grupo inicial eram empreendedores, não

necessariamente empresários. Alguns eram gerentes, diretores de empresas de Tubarão. Aquela primeira reunião contaria com cerca de quinze pessoas.”

Em seguida, deram início ao planejamento, em uma reunião na Fazenda Arlete, em Jaguaruna, município vizinho a Tubarão. Dalí, saíam metas, como número de associados, faturamento, ações como a criação de produtos para talvez justificar as mensalidades, mas, principalmente, contribuir com o associado e cumprir o propósito da Associação. Entre aqueles produtos estavam o Ajet Talk, que antecedeu o que é hoje o Almoço de Negócios; o Ajet Tour, que daria continuidade às missões empresariais; o Ajet Training (cursos); o Ajet Trip (visitas às empresas) e, o Ajet Happy (happy hour), para não perder o ar das confraternizações que tanto marcaram os encontros da Ajet no primeiro ciclo de sua existência e tão característico dos movimentos jovens em todo o estado e país. “Criamos até mesmo um time de futebol”, conta Luciano.

Para o ex-presidente Giovani Bernardo, esta abertura que proporcionou seu ingresso na entidade, foi relevante em sua história no empreendedorismo. Hoje, ele tem seu próprio negócio, mas, quando entrou na Ajet, era colaborador de uma tradicional empresa da cidade. “O rumo que a minha vida tomou, o que envolve, claro, a minha carreira, não teria sido o mesmo sem a convivência na Ajet. O ambiente me contagiou e, eu, que já tinha o desejo de empreender, encontrei ambiente onde pudesse amadurecer minhas ideias, fosse através do relacionamento com as pessoas, pelo diálogo e troca de informações, ou, ainda, pela inspiração que vem ao ouvir histórias de empreendedores que já haviam saído da própria Ajet.” Ele destaca que, hoje, a Ajet é uma entidade forte, significativa, a ponto de abrir portas para que se estabeleçam diálogos com autoridades políticas ou empresariais, sonho que os ajetianos nutriam há 25 anos, mas que precisaria passar por ciclos para se consolidar.

Para Douglas, Guilherme e Gabriel, dessa nova geração, não foi diferente. Eles têm em comum, o aprendizado que vem com as redes de relacionamento, os desafios de se integrar com pessoas que têm objetivos comuns, mas não intimidade, a necessidade de fazer seu próprio caminho independente da opção que seus pais fizeram no meio empresarial. Esta seria a marca da nova geração de jovens empreendedores da Ajet, não mais filhos de empresários, mas empreendedores de seus próprios negócios a partir da experiência na universidade e das discussões e sonhos presentes no campo das ideias.

Quando questionados a respeito do perfil do jovem empreendedor de hoje, comparado ao de 25 anos atrás, integrantes da atual diretoria não têm dúvida ao responder que mudou significativamente. “O perfil é diferente e o compromisso também. Não podemos errar, porque a Associação se consolidou. É preciso abdicar de alguns privilégios pela entidade”, explica Gabriel Estêvão, também ex-presidente. Guilherme Gonçalves Pereira, presidente nos anos de 2007 a 2009 concorda. “De filhos dos influentes empresários do início, a Ajet abriga, hoje, empreendedores, em sua maioria, influentes não pelo seu sobrenome, mas pelo seu envolvimento com a própria instituição.”

Luciano completa que a liderança que mobiliza grupos de trabalho foi um dos grandes aprendizados dele, na Ajet. “A experiência na entidade reforçou como focar não só na contribuição dos que estavam na diretoria, naturalmente atuantes, mas na necessidade e oportunidade de envolver o maior número de associados, o que contribui com a formação de novos líderes. Além disso, me ajudou a lidar com a necessidade de superação de conflitos inerentes aos diferentes tipos de relacionamentos, as divergências que surgem quando lidamos com diversos perfis”, comenta.

É o que destaca também Guilherme, que, ao assumir, viveu reuniões que ainda se faziam necessárias para alinhar o real perfil da Ajet naquele momento, se empreendedora ou empresarial. “Aprendi na prática o crescimento que vem com a crise. Quando no grupo, nem todos concordamos e há o confronto. Quando foi preciso nos posicionarmos, para consolidar este novo perfil da Ajet. Estes momentos trazem crescimento e nos preparam, com certeza, para viver novas etapas, novos ciclos.”

Fazendo uma retrospectiva, nesta nova fase da Ajet, pode-se dizer que, na gestão de Luciano, a entidade ressurgiu; na de Guilherme, ganhou corpo e força, com ainda mais participação no movimento estadual; na de Douglas, trouxe métodos, indicadores e colocou em prática o planejamento; na de Gabriel, manteve o trabalho desenvolvido até então; e, na de Giovani, traçaria metas de crescer exteriormente, a partir de um crescimento interno, associando fatores como amadurecimento, visibilidade e participação ativa no movimento associativista.

Rafael Silvério, segunda geração de ajetianos, já que o pai, Luiz Alberto Silvério integrou a primeira diretoria da entidade, assumiu na sequência e somou aos perfis das gestões iniciais, trazendo consigo o impulso empreendedor da nova geração.

Em 2015, Carolina Winckler assume a Ajet como primeira mulher a presidir a entidade. Por influência do ex-presidente Luciano Marcelino, com quem atuou profissionalmente, a administradora de empresas ingressou na Associação Jovem em 2009, passando a atuar mais intensamente na gestão do ex-presidente Giovani Bernardo, em 2013, como diretora. Não há dúvidas de que, para ela, o desafio é mesclado com a satisfação de marcar sua geração e ter a oportunidade de agregar os valores e diferenciais da Diretoria e quadro associativo, em seus diversos papéis. “A mulher tem este lado humano muito acentuado, que completa o lado racional do

homem. Por isso, a importância de se unirem os perfis de homens e mulheres, a começar pela diretoria”, lembra, mencionando o equilíbrio entre mulheres e homens da diretoria de sua gestão.

Organizar a gestão interna da Ajet, canalizar recursos para beneficiar os associados e implementar projetos como o Geração Empreendedora, que, com o auxílio da diretora Pâmela Bressan, tem-se estendido pelo estado catarinense, são traços de sua gestão, que se encerra em meados de 2016. Da experiência como presidente, Carolina destaca, ainda, o evento de 27 anos da Associação, na ocasião, paralelo à sua posse, que também recebeu para uma Assembleia Geral Ordinária – AGO, 170 convidados, recorde na cidade, em eventos dessa natureza. Ainda, em se tratando de desafios, a primeira mulher presidente da Ajet diz que eles vão além de se driblar o universo predominantemente masculino, mas de entender as diferenças entre os jovens de hoje e os de antigamente. “O imediatismo do jovem de hoje e a pluralidade superficial é também um desafio. Por isso, a união da equipe da gestão a qual lidero, com papéis que se completam, é fundamental, cada um colocando em prática o associativismo jovem através de suas atribuições, vocações e talentos específicos, o que traz equilíbrio, sem dúvida”, completa.

Marcelo Rocha foi o segundo presidente da Ajet. Ele concorda que o jovem empreendedor mudou. “Na época, tínhamos percepção da importância de obras macro para o desenvolvimento da sociedade, mas, pela imaturidade e pouca experiência, nossa atuação era muito pontual. Hoje, o associativismo está amplamente difundido e os jovens têm certa bagagem para se engajar neste meio”, completa. No entanto, ele, que foi o primeiro ajetiano a assumir a presidência da Associação Empresarial de Tubarão, reforça que muitos dos projetos macro pleiteados hoje e em fase de conclusão, devem-se também ao

engajamento dos jovens empresários na Ajet. “A Ajet deve ser um fórum mais descolado, com uma discussão mais prática, contribuindo com a discussão dos mesmos pontos em esferas diferentes”, afirma. “O jovem mudou bastante, porque a infraestrutura de informação mudou muito, especialmente no que se refere a redes, celular, conhecimento externo. Entretanto a Ajet deve mostrar que existe o global, mas que temos de ter uma consciência de região, onde vivemos.”

CAPÍTULO V

FRUTOS DO
ASSOCIATIVISMO

[The page contains extremely faint and illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the document. No specific content can be transcribed.]

MUITA GENTE NÃO SABE, mas a Ajet trouxe aos seus encontros, assuntos de diferentes segmentos, sempre focados no desenvolvimento da sociedade. O Aeroporto Regional Sul Humberto Ghizzo Bortoluzzi, localizado em Jaguaruna, a duplicação do trecho Sul da BR101, a construção do Fórum, em Tubarão, a mudança da rodoviária para um novo local, e tantos outros assuntos, foram assuntos discutidos pela Associação Jovem.

Com o tempo e com planejamento, foi se tornando mais fácil e necessário focar assuntos e ações mais objetivas, com ênfase em resultados pontuais. Questões relacionadas à elevada carga tributária, ou, ainda, iniciativas de cunho social passaram a integrar o repertório da Ajet, sem nunca se esquecer de ouvir os mais experientes e de intercambiar entre si as ideias que vale partilhar.

Estas iniciativas contaram com a participação importante de entidades que se engajaram nos projetos pontuados aqui: Associação Empresarial de Tubarão – Acit; Câmara de Dirigentes Lojistas – CDL; Sindicato do Comércio Varejista – Sindilojas; Associação das Micro e Pequenas Empresas – Ampe; Rotary Club Tubarão; Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul; Faculdade Capivari – Fucap; Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae; Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – Senac; Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – Senai; Serviço Social do Comércio – Sesc;

Conselho Estadual do Jovem Empreendedor de Santa Catarina – Cejesc; Conselho Nacional do Jovem Empreendedor – Conaje; Conselho Estadual da Mulher Empresária – Ceme; Núcleo de Panificadores – Nuclepan; Prefeitura Municipal de Tubarão; Associação dos Municípios da Região de Laguna – Amurel.

■ **Consciência e combate à carga tributária**

Em meados de 2006, a Ajet passou a implementar alguns projetos os quais ganharam expressividade regional e até nacional. Criado em 2003, na cidade de Joinville, pelo Núcleo de Jovens Empresários da Associação Empresarial de Joinville – ACIJ, o Feirão do Imposto foi um destes projetos, cujo objetivo é mobilizar a sociedade a fim de informar e, sobretudo, educar a população a respeito do quanto se paga em impostos.

É legitimamente um projeto dos jovens empreendedores e empresários do Brasil, ligados à Confederação Nacional dos Jovens Empresários – Conaje. Já que a grande maioria dos brasileiros não tem consciência do quanto paga de impostos sobre todos os produtos e serviços que consome em seu dia a dia, por iniciativa do Conselho Estadual do Jovem Empreendedor de Santa Catarina – Cejesc, o Feirão do Imposto se tornou uma ação nacional realizada anualmente, através da Confederação Nacional dos Jovens Empresários – Conaje, informando, de forma transparente, a população acerca da alta carga de impostos pagos sobre todos os serviços e bens de consumo.

Além de informar, a proposta é também chamar a atenção da população para o que se recebe em troca nos serviços públicos como contrapartida do pagamento de tantos impostos.

Em Tubarão, o Feirão do Imposto foi realizado, pela primeira vez, na gestão de Luciano Marcelino, tendo efetivo engajamento

da Ajet. A partir daí, anualmente, o Feirão consiste em montar uma espécie de feira-modelo, com exposição de produtos de necessidade básica, que recebem uma tarja preta proporcional ao percentual de imposto pago pelo consumidor ao adquiri-lo. As ações do Feirão do Imposto estão focadas na coleta de assinaturas para uma proposta de reforma tributária idealizada pelo Movimento Brasil Eficiente – MBE, que, encabeçado por líderes de entidades e instituições educacionais, tem como metas aumentar a eficiência do setor público, transformar juros em infraestrutura local, promover a eficiência fiscal e competitiva, socializar a riqueza e consolidar o tripé educação, inovação e sustentabilidade.

Douglas Saul Garcia, ex-presidente, resgata o início da história do Feirão. “Quando assumi como diretor na gestão do Luciano, uma das ações propostas foi o Feirão do Imposto. A primeira edição foi feita em parceria com a ACIT e trouxe um bom resultado. Nosso papel, ao alertar a comunidade sobre as elevadas cargas de impostos sobre todos os produtos que consumimos, estava sendo cumprido e seria o início de uma trajetória de sucesso.”

Para o ex-presidente Rafael Silvério, o Feirão do Imposto já é um evento tradicional da Ajet. “O Feirão mudou de lugar, mas o seu formato continua o mesmo, de conscientizar a população e, assim, a partir dessa consciência maior, contribuímos enquanto entidade, para gerar um movimento de mudança. Além disso, a Ajet encampou a causa da redução da carga tributária como uma bandeira que está diretamente ligada à entidade.”

■ Tubaronense legítimo

Combater a alta carga tributária é uma bandeira realmente levada a sério pelo movimento jovem, respaldada pelo Cejesc e que conta com a adesão das Associações Jovens por todo o

estado. Inspirados nisso e na contínua busca pela conscientização da população quanto a este assunto, os jovens ligados ao sistema associativista se mobilizam em todo o estado também através do Enterro do Imposto.

Diferente do Feirão, o Enterro do Imposto é um projeto legitimamente tubaronense. Criado pela Ajet, ele acontece sempre no mês de maio, durante o Dia da Liberdade de Imposto – DLI, como forma de protesto, representando os cinco meses do ano que correspondem ao tempo gasto pelo brasileiro para o pagamento de impostos. Em alguns produtos consumidos, o valor do tributo cobrado chega a atingir a marca de cinquenta por cento. As estatísticas mostram ainda que, do salário do brasileiro, ele utiliza cerca de quarenta por cento para o pagamento de impostos.

Mais do que mostrar isso à população, a iniciativa da Ajet busca mobilizar a sociedade para que busque a redução da carga tributária junto aos representantes políticos. No Enterro do Imposto, os jovens empreendedores ousaram. Levaram um caixão às ruas, simbolizando o enterro do imposto pago.

O exemplo se tornou caso de sucesso no estado, entre os jovens ligados às Associações Empresariais do estado e ao Cejesc. Hoje, é adotado por outras associações, como em Rio do Sul, Laguna, Urussanga, por exemplo.

Guilherme e Douglas contam que foi inusitada a primeira divulgação aos jovens catarinenses. “Aconteceu em uma assembleia do Cejesc realizada em Tubarão, na ACIT. Levamos um caixão para dentro da reunião e apresentamos o projeto do Enterro do Imposto. Todos na sala ficaram curiosos e um tanto assustados com aquele enorme volume carregado pelo Edifício Minas Center. Quando chegamos ao local, a apreensão aumentou ainda mais, pois nunca se imaginou a companhia de um caixão na reunião de jovens empreendedores. Ao mostrarmos e explicarmos

o projeto, todos ficaram surpresos e entusiasmados com a ideia e o que ela simbolizava. Na ocasião, contamos com a ajuda de um dos diretores do Cejesc, que, mesmo sem entender anteriormente o propósito, havia ido conosco até a funerária, colocando o caixão no porta-malas do carro. Obviamente o caixão ficava à mostra, pois o porta-malas não podia ser fechado. Foi uma passagem muito séria, apesar de engraçada, mas sabíamos que seria importante fazer dessa forma pelo impacto que teria na apresentação do projeto.”

Dados mostram que o Brasil tem a carga tributária mais pesada entre os países emergentes e mais alta até que Japão e Estados Unidos. Só fica atrás do bem-estar social europeu, onde o imposto é alto, mas a contrapartida do governo também é elevada. Além de pesada, a tributação no Brasil é também complexa e injusta: ao mirar o consumo, penaliza as faixas de menor renda. É o que especialistas chamam de efeito cascata.

A cobrança de impostos é, na prática, uma coleta de dinheiro feita pelo governo para pagar suas contas. Uma forma de medir o impacto dessa coleta é compará-la com o Produto Interno Bruto – PIB, ou seja, a soma das riquezas produzidas pelo país em um ano. Essa relação entre impostos e PIB é chamada de carga tributária. No Brasil, a carga tributária é de 35% do PIB.

Isso significa que os cofres públicos recebem um valor que equivale a mais de um terço do que o país produz. Esses recursos deveriam voltar para a sociedade em forma de serviços públicos. Mas, muitas vezes, os cidadãos, além de pagar impostos, pagam do bolso por serviços de educação, saúde e segurança. Ou seja, a renda disponível para consumo é ainda menor do que a carga tributária dá a entender.

Por conta de certa inquietação encampada pelos jovens empreendedores da Ajet e de todo o sistema associativista jovem,

outra ação abraçada no estado é a difusão do Impostômetro, uma ferramenta criada para mostrar o volume de impostos arrecadados no Brasil. Como alguns impostos são contabilizados uma vez por mês (ou por ano), o Impostômetro normalmente se utiliza de uma regressão estatística para deduzir a arrecadação tributária em qualquer instante de tempo. Como o método estatístico pode mudar de um impostômetro a outro, a saída apresentada pode variar de um contador para outro.

No Brasil, ele pode ser acessado em tempo real, no site <www.impostometro.com.br>, vinculado à Associação Empresarial do estado de São Paulo. No site, é possível ver também a quantidade de impostos arrecadados no período, no mês, dia e hora, minuto, segundo e por habitante. É possível também comparar com a quantidade de investimentos que poderiam ser feitos com o valor arrecadado, reforçando a importância da sociedade estar consciente e se mobilizar contra a alta carga tributária no país.

■ **Gastronomia para executivos**

A Ajet surgiu numa confraria, há mais de 25 anos. Essa cultura de reunir amigos para trocar ideias sobre assuntos diversos e reforçando seu papel enquanto cidadãos, foi lembrada por uma iniciativa da Associação Jovem, que surpreendeu pela repercussão. O objetivo era criar um curso que, ao mesmo tempo, capacitasse a cozinhar e promovesse a interação entre os seus participantes, abstraíndo-os, por um pequeno momento, da realidade estressante do mundo dos negócios. E deu certo. Surgia o Gastronomia para executivos, uma maneira de levar homens e mulheres de negócio à cozinha e, em conjunto, aprender técnicas e fazer amigos. A ideia, pontuada na gestão de Luciano, veio da percepção de necessidade contínua de resgatar antigos valores e

visão, reaproximar o grupo antigo da Associação. Com a criação da Escola de Gastronomia em Florianópolis, surgiria a ideia do curso Gastronomia para Executivos, com o propósito de integrar os “avetianos” (expressão usada para identificar os ajetianos da primeira geração) à nova geração de jovens empreendedores.

Idealizada pela Ajet, a proposta foi apresentada à Acit, que aderiu como parceira, somando-se à Unisul, que responderia pela área técnica. A primeira edição aconteceu em meados de 2008 e foi um sucesso. Deu assim continuidade a várias turmas, com suas formaturas marcantes, com os alunos preparando o jantar e a sobremesa e mostrando que cozinhar pode ser muito divertido e uma válvula de escape para combater o estresse.

Além disso, os alunos ampliavam sua rede de contatos, o que contribuía, inclusive, para o andamento de seus negócios.

Variações do curso básico, apresentado inicialmente, também reuniram novos e ex-integrantes na realização, por exemplo, do curso Cozinha medieval e Cozinha francesa, exemplos de outras variações que seguiram a mesma linha bem-sucedida do Gastronomia para executivos.

■ Natal Solidário

Em 2010, os diretores da Ajet, capitaneados pelo então presidente Douglas Saul Garcia, pensaram em colocar em prática um projeto assinado pela Associação Jovem e com caráter filantrópico. “Pensamos em colocar em prática algo para deixar marcada a atuação da Ajet no campo social.”

Assim, o Natal Solidário tornou-se para a AJET uma forma de engajar em ações sociais os jovens empreendedores vinculados à Associação em ações sociais, reforçando seu papel no contexto em que vivem e atuam.

Como o nome sugere, a cada ano, na época que antecede as festividades de final de ano, a Ajet elege uma instituição filantrópica da cidade para receber a ação do Natal Solidário. Com esta ação, a Ajet já reformou creche municipal e criou aparelhos ergonômicos para o Abrigo dos Velhinhos do município, sempre com a participação dos diretores e atuação dos jovens empreendedores associados, para, de alguma forma, fazer diferença.

■ Voz única

Uma só voz denota força. A força que vem da unidade. Desta forma, a Ajet se mobilizou, no pleito eleitoral de 2012, através do movimento Voz Única, colocado em prática em nível estadual através do Cejesc.

Seguindo uma prática antiga da Ajet, de receber os candidatos à Prefeitura do município para ouvir seus planos de governo e questioná-los acerca de como fariam a gestão, caso eleitos, os jovens empreendedores receberam, um a um, os candidatos, com ordem definida por sorteio. Depois da exposição dos planos de governo, eles fizeram questionamentos, buscando levantar informações com transparência e de modo imparcial, sempre.

O Voz Única surgiu dentro da Federação das Associações Empresariais de Santa Catarina – Facisc, mas, hoje, é uma bandeira encampada pelo movimento jovem. O foco é unificar a voz do empresariado em torno das mesmas questões e das mesmas bandeiras capazes de promover o desenvolvimento econômico e social. Deste modo, levantam-se as reais necessidades e os entraves ao desenvolvimento econômico, na ótica empresarial, municinando os futuros governantes a entenderem e receberem as necessidades da sociedade.

Entre as prioridades apresentadas no pleito de 2012, foram pontuadas a implantação da disciplina empreendedorismo nas escolas

públicas municipais e também uma ferramenta que mostre, com transparência, onde estão sendo investidos os recursos públicos.

■ Ouvindo a voz da experiência

Outra ação significativa da Ajet, uma constante das gestões atuais, são os Almoços de Negócios, uma forma de ouvir empresários experientes, servindo como uma escola prática para os mais jovens. A iniciativa surgiu na gestão de Guilherme, ao buscar aproximação e crescimento dos associados, a partir da narrativa de experientes empreendedores da região.

A frequência dos encontros é mensal, sempre na última terça-feira de cada mês, num ambiente que permita somar a explanação à confraternização, marca registrada da Ajet. Naquele ambiente e até com certa informalidade peculiar do jovem, casos de sucesso são apresentados, servindo de inspiração para os que estão começando na carreira, como empreendedores.

Esta prática lembra, de certa forma, as primeiras atividades da Ajet, quando, ainda itinerantes, as reuniões dos associados davam-se em restaurantes e também em empresas de destaque. Esta era uma forma de absorver, de modo descontraído e prazeroso, informações relevantes que contribuiriam com a formação dos empresários de hoje.

Um dos empresários convidados para o Almoço de Negócios foi o ex-presidente ajetiano e fundador Murilo Bortoluzzi. Como presidente da Acit, ele teve a oportunidade de compartilhar com a atual geração de jovens empreendedores sua experiência no associativismo, desafios vivenciados e conquistas através da Ajet. “A troca de informações, de ideias e experiências é sempre muito saudável e contribui para levar as pessoas mais longe”, avalia.

■ Jovens “sangue bom”

Ação solidária que se enquadra na pasta Empreendedor Solidário do CEJESC, o Empreendedor Sangue Bom é mais uma iniciativa de como sensibilizar as pessoas para a importância da doação de sangue e incentivá-las a praticar este ato de solidariedade.

Iniciada em 2014 pela Associação jovem, em Tubarão, consiste na organização dos associados e seus amigos, colegas e familiares para a doação de sangue durante uma semana, no Hemocentro ou Unidade de Coleta da cidade.

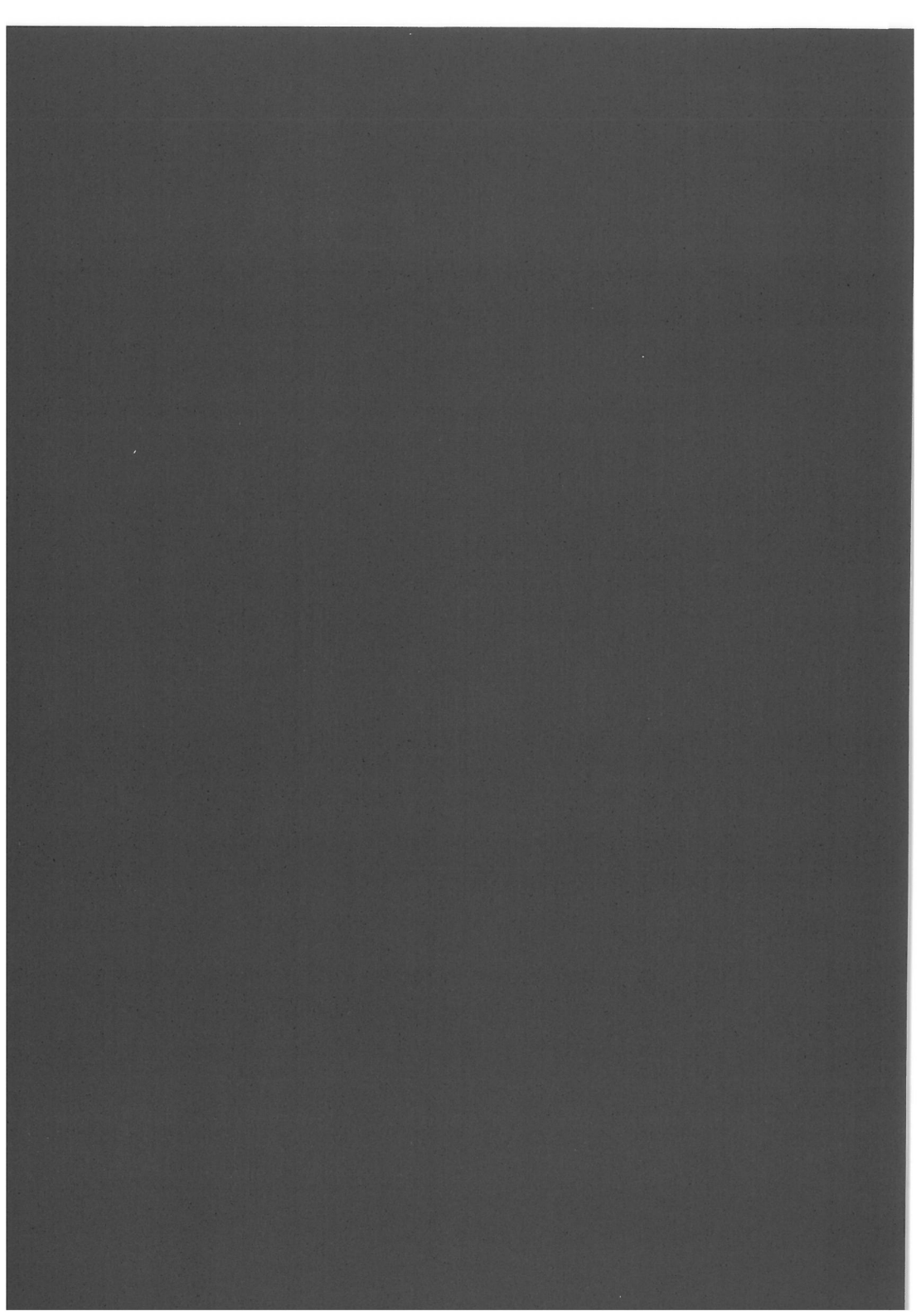
Depois de consultado o Hemocentro ou Unidade de Coleta da cidade para saber da possibilidade de receber mais doadores durante uma semana específica a ser agendada, a ação é divulgada nos canais de comunicação do núcleo jovem. Desta forma, os interessados se dirigem à Unidade de Coleta durante aquela semana, identificando-se dentro do programa, que tem periodicidade semestral.

■ Café Político

O Café Político iniciou em 2014, com a ideia dos ajetianos de convidarem periodicamente políticos da região de Tubarão, a fim de discutirem assuntos de relevância para a comunidade e, conseqüentemente, para a Associação. Assim, na primeira edição realizada em 18 de março de 2014, o tema escolhido para a pauta foi o Centro de Inovação e, na segunda edição, sucessivos encontros abordaram o Plano Diretor de Tubarão; Saúde em Tubarão; Desenvolvimento na Região da Amurel e Segurança.

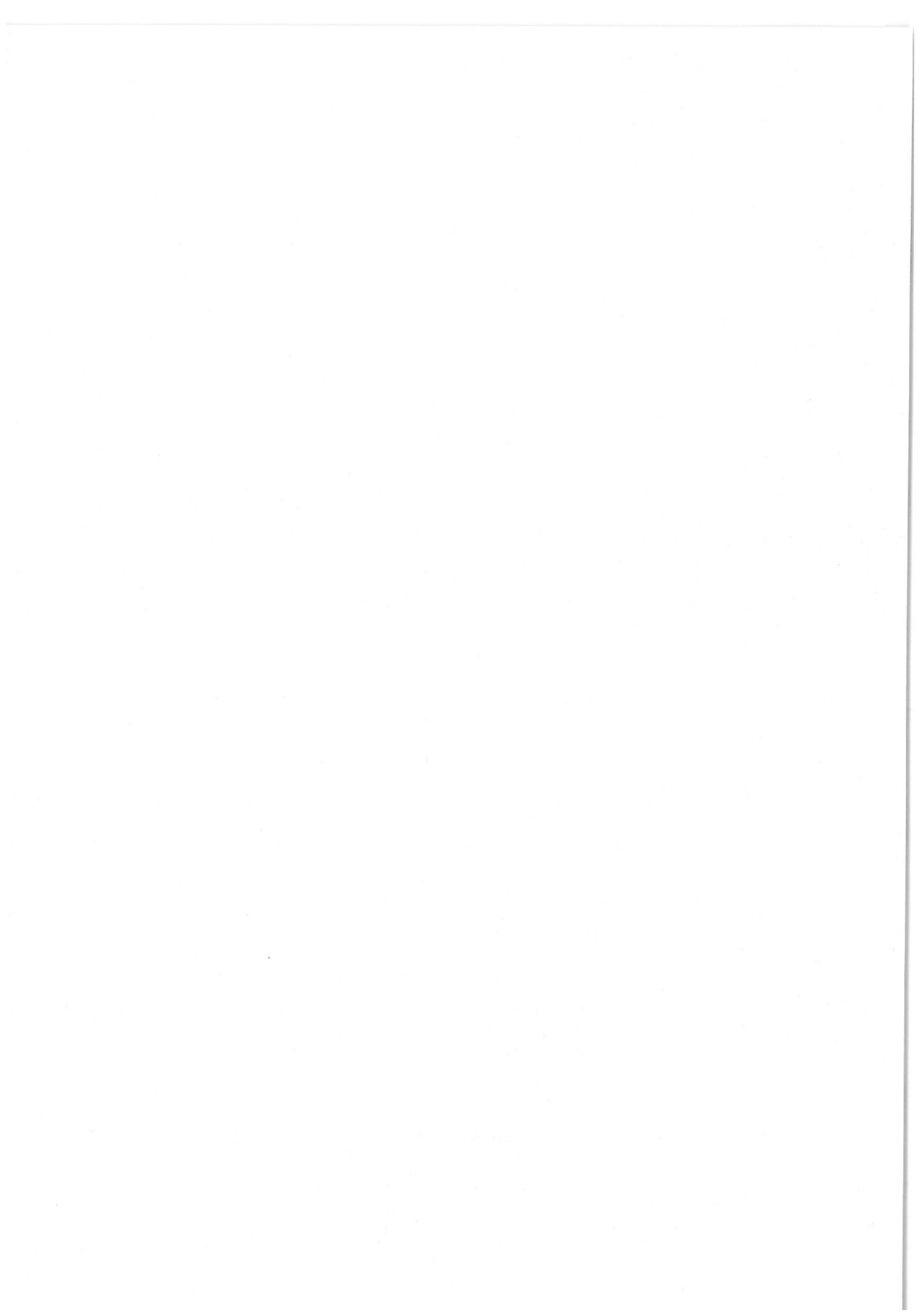
Na 3ª edição do encontro, antecedendo as eleições de 2014, foram convidados seis candidatos ao cargo de Deputado Estadual para falarem sobre seu Plano de Trabalho e, mais especificamente, sobre suas ações e projetos relacionados ao assunto Empreendedorismo.

“A partir das ações realizadas no Voz Única, percebeu-se a necessidade de realizar um acompanhamento periódico da evolução dos compromissos assumidos pelos candidatos, assim como outros temas relacionados ao desenvolvimento regional. Com este propósito, foi realizado em 2014 o primeiro Café Político da Ajet, evento já realizado pela Conaje em âmbito nacional. Em sua primeira edição, o tema foi o Centro de Inovação de Tubarão, onde foram debatidas as ações planejadas e como o jovem empreendedor poderia ser envolvido no processo. Como consequência, a Ajet posteriormente foi convidada a fazer parte do Comitê de Implantação do Centro”, lembra Giovani Bernardo, que presidia a entidade quando o programa começou.



CAPÍTULO VI

OS NOVOS TEMPOS



■ Uma jovem de quase 30

A AJET COMEÇOU associando crescimento, voz e confraternização. Hoje, apesar de conservar seus valores, seu contexto mudou. Estar na Ajet representa, muitas vezes, enfrentar o desafio de conciliar a carreira profissional com o tempo dedicado ao voluntariado, o que já não é tão fácil assim na sociedade moderna altamente competitiva e implica incontáveis reuniões por semana, eventos, encontros, missões, treinamentos. Mas nada disso é limite para os jovens empreendedores envolvidos no associativismo. Sua efervescência natural da juventude é combustível para continuar contribuindo com essa história que nasceu em 1988.

Ao superar a marca de seus 27 anos de fundação, em 2015, a Ajet se consolida como uma marca jovem e madura. Ciclos foram iniciados e fechados, pessoas passaram pela entidade, ainda que não tenham deixado seu nome registrado oficialmente, contribuindo por construir não só a associação, mas o movimento.

Novas associações jovens foram surgindo a partir do modelo e exemplo da Ajet, o que mostra a importância da iniciativa e da vontade de continuar o legado dos fundadores de 88.

Para reforçar esta importância, foi criado em 2012, e apresentado oficialmente nas comemorações de aniversário daquele ano, o Conselho Superior da entidade, constituído por fundadores, ex-presidentes e diretores convidados. A proposta que surgiu na gestão de Douglas, aconteceu efetivamente na gestão de Gabriel, revelando mais uma vez a importância das gerações anteriores e sua integração com as novas gerações, trazendo equilíbrio, associando experiência e envolvimento, perpetuando a identidade da Ajet de ser formadora e incentivadora de lideranças. “Tínhamos o hábito de consultar os membros da primeira geração da Ajet. Isso nos motivou a criar o Conselho, formado por ex-presidentes e diretores convidados, reconhecendo a importância de sempre somarmos experiência a ações atuais, e valorizarmos a história da Ajet que é tão expressiva”, afirma Douglas.

Rodrigo Caporal Rocha ressalta a satisfação de fazer parte do Conselho. “Rever pessoas queridas, com quem construímos a história do associativismo jovem em Tubarão e no estado e poder compartilhar com a nova geração de ajetianos, é motivo de muita satisfação.” Jacinto Silveira é também um entusiasta da Ajet. “Apoio a Ajet no que puder, participando do Conselho, trocando ideias. Este é o objetivo da Associação, e, com a criação deste Conselho, não poderia ser diferente.”

Este evento em especial, contou com a palestra do ex-presidente da Ajet Rodrigo Lapolli, publicitário de sucesso na capital, que tem sua carreira fundamentada também em parte da história que construiu em Tubarão, quando se envolveu com a Associação jovem.

Na palestra, ele mostrou aos jovens empreendedores o quanto é importante acreditar, ser criativo, ter uma rede de contatos, pontos positivos de se envolver com o associativismo jovem. Deu seu exemplo à nova geração, sem perder a jovialidade empreendedora que foi marca também dos jovens quando de seu envolvimento com a Ajet.

■ Nova cara, novos ventos

Uma marca traduz a identidade de uma organização. Ao completar seus 25 anos, a Ajet teve seu nome modificado mais uma vez, desta vez, para incorporar outros representantes do meio empresarial e empreendedor, inclusive mulheres. Esta foi a data em que a entidade recebeu também uma nova logomarca, incorporando as cores do movimento associativista no estado, o verde e o amarelo, que denotam o comprometimento com as causas da sociedade, a construção da cidade, estado e país onde está inserido.

O cata-vento da nova logomarca, criada pelo então diretor de Comunicação da Ajet, Gabriel Estevão, dá a conotação de movimentação. Assim, são os jovens engajados na Ajet. Dinâmicos, em preparação contínua para assumir outras funções e cargos, entendendo a Associação jovem como um meio de capacitação para este fim.

A Ajet é uma das poucas entidades que, apesar de maduras, podem ser chamadas de jovem perpetuamente. Sua essência é o espírito jovem e, apesar das mudanças naturais, ela não mudou quanto a um aspecto: continua sendo um fórum de discussão, de aceitação dos inexperientes, um ambiente para erros e acertos, apesar da responsabilidade crescente inerente à consolidação da marca.

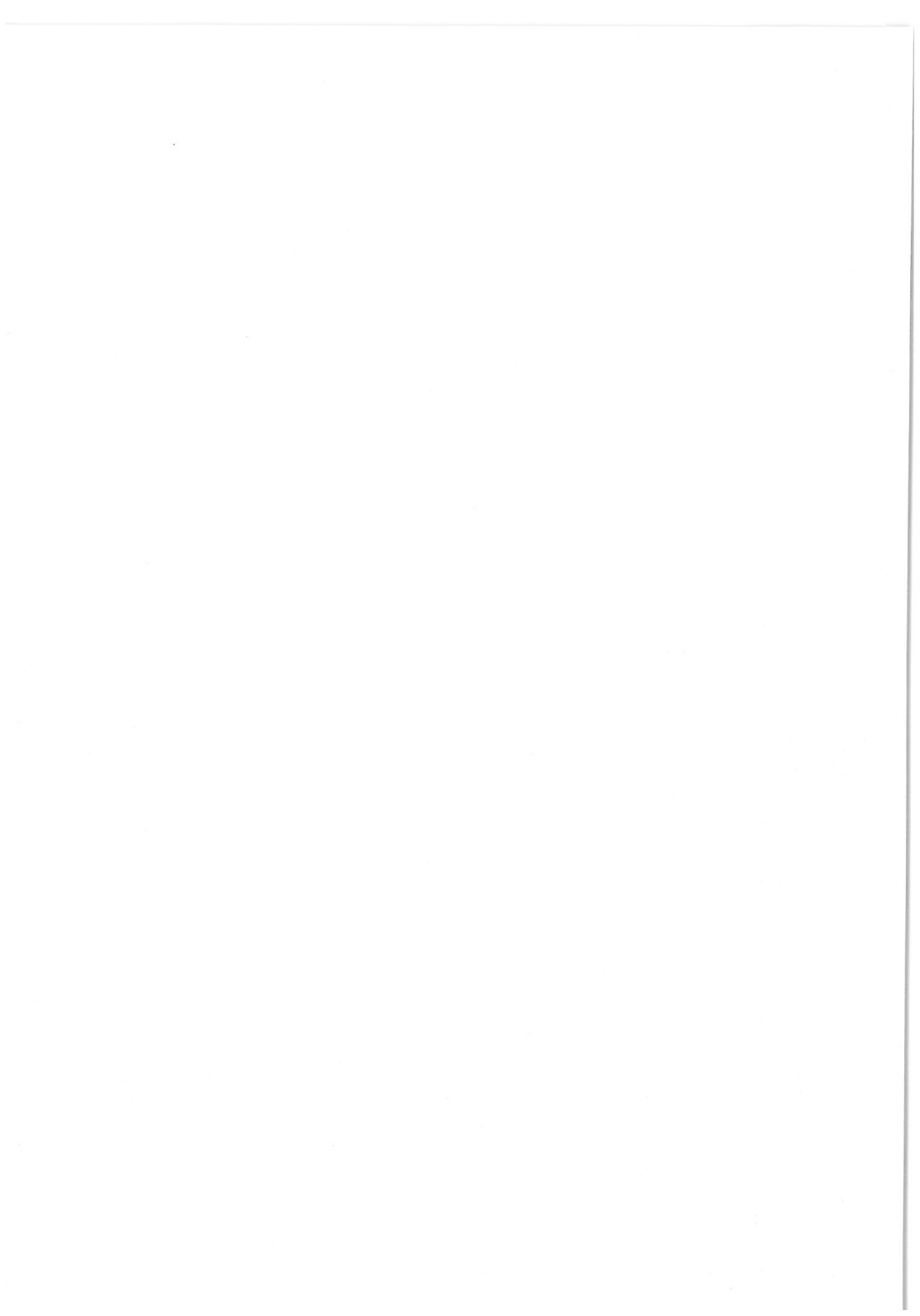
Sua atual diretoria vivencia outros desafios, mas há vários pontos comuns às gestões iniciais. A aproximação com entidades de peso, como Acit e Cdl, entre outras, tem sido uma busca constante. À medida que a marca Ajet cresce e se fortalece, torna-se mais fácil o acesso pelo respaldo conquistado, mas conciliar opiniões por vezes é o desafio, o que se torna benéfico para a sociedade, concordando com a máxima que contraria os resultados práticos da unanimidade.

Um novo vento sopra, em meio a uma geração diferente, inquieta, imediatista. Não melhor ou pior, apenas diferente. À Ajet, cabem novas responsabilidades. A partir da marca consolidada e a bagagem de 25 anos, imutável, envolve-se no desafio de continuar a atrair os jovens desta geração, mostrando que sua participação é importante e o quanto podem ser relevantes na sociedade atual.

Uma sociedade que vai às ruas, protesta, mas o que de fato ela quer? Organizados, os jovens podem ser essa voz que continua buscando melhores condições de vida, de cidadania. Agora, com ações ainda mais planejadas, já que incorporou esta rotina à sua realidade, a Ajet se integra com mais liberdade, desprendimento, porém responsabilidade. Continua fazendo acontecer, livre, despreziosa, mas com as incumbências de quem foi criança, experimentou a transição desafiadora da adolescência, o ingresso na fase adulta e, depois de passar por este processo, por vezes difícil, tem consciência de sua identidade. Não teme ciclos, pelo contrário, motiva-se ainda mais com eles. Motiva e é motivada, sempre.

CAPÍTULO VII

EX-PRESIDENTES



JEFFERSON MEDEIROS BRUNATO

Jefferson Medeiros Brunato é empresário. Kursou Administração de Empresas na Unisul, em Tubarão, e participou da vida política como vereador por três mandatos – 1997/2000 – 2005/2008 – 2009/2012, sendo também secretário municipal de governo, de comunicação e de urbanismo, além de assessor especial do prefeito no período compreendido 2001 a 2012. Foi Presidente do PSDB de Tubarão por três oportunidades, candidato a deputado estadual em 1998, presidente do Sindicato Patronal da Indústrias Metalúrgica e de Materiais Elétricos em 1995. Foi um dos idealizadores, fundadores e primeiro presidente da AJET em 1988.

06/10/1988

Jefferson Medeiros Brunato (Presidente)

Luiz Antônio Botega (Vice-Presidente)

Luiz Fernando Corbetta (1º Secretário)

Eduardo Gonzaga Rocha (2º Secretário)

Marcelo Gonzaga Rocha (1º Tesoureiro)

Murilo Ghizoni Bortoluzzi (2º Tesoureiro)

Glauco Caporal Fernandes (1º Diretor de eventos)

Alexandre Souza Serafim (2º Diretor de eventos)

MARCELO GONZAGA ROCHA

Empresário, sócio-diretor da GR Terraplanagem e da Pólo-cred, é formado como Engenheiro Civil e Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, foi fundador e presidente da AJET, respondendo hoje pelo Conselho Permanente da Associação Empresarial de Tubarão – ACIT, entidade da qual foi presidente de 2000 a 2002. É presidente do Comitê Gestor da Baía Hidrográfica do Rio Tubarão e vice-presidente de Projetos da Federação das Associações Comerciais de Santa Catarina – FACISC. Presidiu também o Conselho Diretor da Casa do Microcrédito, de Tubarão, e responsável pelo Projeto de Implantação da Cooperativa de Livre Admissão Sul Catarinense, do Sistema Si-credi, inaugurada em 2008, com sede em Tubarão.

21/11/1990

Marcelo Gonzaga Rocha (Presidente)

LUIZ ANTÔNIO BOTEGA

Diretor e CEO da Pozosul Cimentos Ltda, Luiz Antônio Botega formou-se em Administração pela Escola Superior de Administração e Gerência – ESAG. É co-fundador e ex-diretor comercial da Thermosystem, atuando na gestão administrativa, financeira, comercial e de marketing. Foi diretor da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina – FIESC e presidente do Conselho Curador da Fundação Educacional Joanna De Angelis. Foi presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas – CDL de Tubarão e diretor da Associação Empresarial de Tubarão – ACIT.

10/06/1992

Luiz Antônio Botega (Presidente)

Marcelo Gonzaga Rocha (Tesoureiro)

Glauco Caporal Fernandes (Secretário)

GLAUCO CAPORAL FERNANDES

Formado em Administração de Empresas com MBA em Gestão Empresarial, é sócio-fundador da Pluralseg Corretora de Seguros, com participação em empresa imobiliária e Indústria de produtos plásticos. Foi presidente da AJET e vice-presidente da Associação Empresarial de Tubarão – ACIT, Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing de Santa Catarina – ADVB e do Movimento Catarinense para Excelência – MCE. É sócio-fundador e ex-vice-presidente da Sicredi Sul Catarinense SC. No poder público, foi secretário de Desenvolvimento Econômico de Tubarão.

1993

Glauco Caporal Fernandes (Presidente)

Marcelo Gonzaga Rocha (Secretário)

MURILO GHIZONI BORTOLUZZI

Formado em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, é presidente do Conselho de Administração da Itagres, presidente da Associação Empresarial de Tubarão – ACIT e da Agência Brasileira de Desenvolvimento Regional – ADRAM. Foi vice-presidente da Federação das Associações Empresariais de SC – FACISC para Assuntos da Indústria, presidente do Conselho de Administração da Companhia de Gás de Santa Catarina – SCGÁS e diretor da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina – FIESC. Foi secretário de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano do Governo do Estado de Santa Catarina, diretor da Fundação do Meio Ambiente do Estado de Santa Catarina – FATMA e Secretário de Indústria, Comércio e Turismo da Prefeitura Municipal de Tubarão, tendo presidido a AJET.

05/05/1994

Murilo Ghizoni Bortoluzzi (Presidente)

Isaac Ghizoni Tonon (Tesoureiro)

Rodrigo Lapolli (Secretário)

LUIZ FERNANDO CORBETTA

Cursou Administração de Empresas pela Unisul, é sócio-gerente da Turismo Corbetta. Foi um dos fundadores da AJET, entidade da qual foi presidente. Foi vice-presidente para Prestação de Serviços e Turismo da Associação Empresarial de Tubarão – ACIT. É membro do Conselho da Associação Brasileira de Agências de Viagens Secção Santa Catarina, fazendo parte do Conselho da ACIT.

25/05/1995

Luiz Fernando Corbetta (Presidente)

Flávio Medeiros (Tesoureiro)

Álvaro José de Souza (Secretário)

RODRIGO LAPOLLI

Formado em Administração de Empresas e pós-graduado em Marketing, foi professor universitário e é sócio-fundador da Neovox Comunicação Estratégica. Foi presidente da AJET, participando também da Diretoria da Associação Empresarial de Tubarão – ACIT. Atualmente, integra o Conselho do Sindicato das Agências de Publicidade de Santa Catarina – SINAPRO/SC e o Conselho da Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing de Santa Catarina – ADVB/SC.

30/05/1996

Rodrigo Lapolli (Presidente)

Herculano Pereira Franco (Tesoureiro)

Guilherme Miguel Reis Longo (Secretário)

GUILHERME MIGUEL REIS LONGO

Graduado em Administração de Empresas pela Universidade do Sul de SC – UNISUL, é sócio-diretor da Nutrir Industrial Ltda., proprietária da marca La Nonna. Foi presidente da AJET e diretor da Associação Empresarial de Tubarão – ACIT.

07/05/1997

Guilherme Miguel Reis Longo (Presidente)

Eduardo Nunes (Tesoureiro)

Thiago Sant'Anna Fretta (Secretário)

JACINTO SILVEIRA

Formado em Administração, foi presidente da AJET e, hoje, é CEO da Flexicotton e diretor de Novas Soluções Empresariais da Associação Empresarial de Florianópolis – ACIF.

29/04/1998

Jacinto Silveira (Presidente)

Nelson Fächter Filho (Vice-Presidente)

Eduardo Alexandre Tavares (Secretário)

Alessandro Caporal Fernandes (Tesoureiro)

NELSON FÜCHTER FILHO

Formado em Administração pela Escola Superior de Administração e Gerência – ESAG/UEDESC e em Direito pela Universidade Federal de SC – UFSC, atuou no grupo COMAT, de natureza familiar, e, hoje, é diretor da Le Monde Comércio de Veículos, empresa que representa a marca Citroën em Santa Catarina. Foi presidente da AJET e vice-presidente para assuntos do jovem empresário da Associação Empresarial de Tubarão – ACIT. Participou da fundação da FACISC Jovem, atual Conselho Estadual do Jovem Empreendedor de SC – CEJESC, ocupando a vice-presidência e Conselho Diretor. Foi Top de Marketing da ADVB/SC por dois anos. É diretor regional para a Grande Florianópolis da Federação Nacional dos Distribuidores Veículos Automotores – FENABRAVE/SC, é membro permanente dos conselhos da ADVB/SC e da ACIF.

26/05/1999

Nelson Füchter Filho (Presidente)

Fernando Guglielmi Piazza (Vice-Presidente)

Rafael Ávila Nunes (Secretário)

Jacinto Silveira (Tesoureiro)

Artur Esteves Corrêa (Diretor de eventos)

CRISTIANO ORLANDI

É formado em Direito e Pós-Graduado em Direito Comercial pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS), sócio da Orlandi & Evangelista Advogados S.S, em Florianópolis, é especialista em Direito Empresarial, com ênfase nas áreas Societária e Contratual. Foi presidente da AJET e atua como consultor de Governança Corporativa em empresas de diversos segmentos, desde 2000, é associado ao Instituto Brasileiro de Governança Corporativa – IBGC, membro e secretário de Conselhos de Administração de Empresas de Capital Fechado, desde 2007.

26/07/2000

Cristiano Orlandi (Presidente)

Thiago Sant'Anna Freta (Vice-Presidente)

Rodrigo Otávio Caporal Rocha (Secretário)

Herculano Pereira Franco (Tesoureiro)

RODRIGO OTÁVIO CAPORAL ROCHA

É publicitário, proprietário da Ilimitada Cinema e TV (Produtora e Operação de Emissoras de TV), Racing Comunicação (Agência de Propaganda) e ViaVoz tecnologia (Empresa de sistemas). Foi presidente da AJET, vice-presidente regional sul da FACISC Jovem (hoje, CEJESC), vice-presidente para assuntos do Jovem Empresário na Associação Empresarial de Tubarão – ACIT, da qual é conselheiro, bem como da AJET. É fundador do Sindicato da Indústria Audiovisual de SC – SANTACINE.

30/10/2001

Rodrigo Otávio Caporal Rocha (Presidente)

Herculano Pereira Franco (Vice-Presidente)

Cássio Bittencourt (1º Secretário)

Ramon Faust Lima (2º Secretário)

Rafael Ávila Nunes (1º Tesoureiro)

Fabiano Bossle Miguel (2º Tesoureiro)

CARLOS EDUARDO NUNES

Empreendedor, iniciou sua carreira no Grupo familiar, atuando em empresas do ramo de combustíveis, têxtil e alimentos. Fundou a Nuntec Soluções, que desenvolve software e hardware para controle de abastecimento de frotas. É coach e interventor certificado pela TESER. Foi presidente da AJET.

23/05/2003

Carlos Eduardo Nunes (Presidente)

Marcelo Fernandes Matos (Vice-Presidente)

Elvis Felipe Savi (Secretário)

Vitor de Souza Larroide (Tesoureiro)

VITOR DE SOUZA LARROIDE

Cursou Administração de Empresas e Ciências da Computação pela Universidade do Sul de SC – UNISUL. É proprietário da Axcel Informática, atuando há 25 anos em soluções em Tecnologia. Foi presidente e diretor da AJET, diretor da Associação Empresarial de Tubarão – ACIT, diretor do Conselho Estadual do Jovem Empreendedor de SC – CEJESC, diretor financeiro do Clube 29 de Junho e conselheiro da AJET.

27/04/2004

Vitor de Souza Larroide (Presidente)

Eduardo Roussenq Santos (Vice-Presidente)

Mario Raphael Silvestre Prudêncio (Secretário)

Marcelo Fernandes Mattos (Tesoureiro)

11/08/2005

Vitor de Souza Larroide (Presidente)

Eduardo Roussenq Santos (Vice-Presidente)

Leonardo Benedet (1º Secretário)

Luciano Rodrigues Marcelino (2º Secretário)

Mario Raphael Silvestre Prudencio (Tesoureiro)

LUCIANO RODRIGUES MARCELINO

Formado em Administração Universitária no Instituto de Gestão e Liderança Universitária – IGLU Centro Caribe/OUI, em Caracas/Venezuela e Montreal/Canadá; é mestre em Administração pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL e doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. É professor universitário na UNISUL e em 12 países da América Latina, Caribe e Europa; membro da Oracle Education & Research Industry Strategy Council, no Vale do Silício, São Francisco/EUA; do Conselho Superior da Rede Iberoamericana de Pós-Graduação – UIMP, em Santander/Cantábria – Espanha; do Conselho Latinoamericano de Redes de Universidades-Empresas – ALCUE, no México e do Conselho Superior da AJET, entidade da qual foi presidente. É pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, diretor do Conselho de Gestão do Grupo Standard Consultoria.

23/08/2006

Luciano Rodrigues Marcelino (Presidente)

Vitor de Souza Larroide (Vice-Presidente)

Mário Raphael Silvestre Prudêncio (Tesoureiro)

Eduardo Roussenq Santos (1º Secretário)

Leonardo Benedet (2º Secretário e Diretor de tecnologia)

Carlos Eduardo dos Santos (Diretor de comunicação)

Valdecir José Gonçalves (Diretor de comunicação)

Marcos Paulo dos Santos Fortunato
(Diretor de relações interinstitucionais)

Flávio Afonso Klein (Diretor de relações interinstitucionais)

Rafael Faraco (Diretor de tecnologia)

Gisele Debiasi Alberton (Diretora de integração)

Larisa Hemkemeier (Diretora de integração)

Guilherme Gonçalves Pereira (Diretor jurídico)

Alexandre Santos Moraes (Diretor jurídico)

Douglas Saul Garcia (Coordenador do Feirão do Imposto)

Ivan Tournier Campelli

(Coordenador do Curso de Gastronomia)

GUILHERME GONÇALVES PEREIRA

Formado em Direito, é especializado em Direito e Gestão Tributária, com habilitação em Metodologia do Ensino do Direito, pelo Cesusc. É sócio do escritório Moraes & Gonçalves Advogados, com 10 anos de atuação em assessoria jurídica empresarial. Foi presidente da AJET e 1º Vice-Presidente Executivo do Conselho Estadual do Jovem Empreendedor de Santa Catarina – CEJESC; diretor jurídico da Confederação Nacional do Jovem Empresário – CONAJE e integrante da Comissão de Direito da Inovação, Propriedade Intelectual e Combate à Pirataria da OAB/SC. É conselheiro da AJET e integrante do Rotary Club de Tubarão Leste.

18/12/2007

Guilherme Gonçalves Pereira (Presidente)

Douglas Saul Garcia
(Tesoureiro e Coordenador do Feirão do Imposto)

Alexandre Herculano Furtado (1º Secretário)

Max Willian Boaventura (2º Secretário)

Gabriel Estevão da Silva (Diretor de comunicação)

Carlos Eduardo dos Santos (Diretor de comunicação)

Luciano Rodrigues Marcelino
(Diretor de assuntos do Cejesc)

Marcos Paulo dos Santos Fortunato
(Diretor de relações interinstitucionais)

Ivan Campelli
(Diretor de eventos e Coordenador do Curso de Gastronomia)

Kaio Fernandes (Diretor de eventos)

Alexandre Santos Moraes (Diretor jurídico)

Cezar Damiani Filho (Diretor jurídico)

26/03/2009

Guilherme Gonçalves Pereira (Presidente)

Douglas Saul Garcia
(Tesoureiro e Coordenador do Enterro do Imposto)

Giovani de Souza Bernardo (Secretário)

Marcos Paulo dos Santos Fortunato
(Diretor de planejamento)

Gabriel Estevão da Silva (Diretor de marketing)

Carlos Eduardo dos Santos
(Diretor de comunicação e Coordenador do Natal Solidário)

Luciano Rodrigues Marcelino
(Diretor de assuntos do Cejesc)

Leonardo Benedet (Diretor de tecnologia)

Mateus Monteiro Machado
(Diretor de missões empresariais)

Alexandre Herculano Furtado (Diretor jurídico)

Filipe Benedet Guedes
(Coordenador do Feirão do Imposto)

Samuel Soares Sandrini (Coordenador do Natal Solidário)

Ivan Tournier Campelli
(Coordenador do Curso de Gastronomia)

DOUGLAS SAUL GARCIA

Formado em Administração de Empresas pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), é sócio e diretor administrativo da Smart Shop e Sulvending, empresas especializadas em operações de vending machine. Foi gerente administrativo da Esquadrimed; é participante ativo do movimento associativista, ex-presidente e atual membro do Conselho Superior da AJET, da qual foi presidente. Ex-vice-presidente da regional sul do Conselho Estadual do Jovem Empreendedor de Santa Catarina – CEJESC, também foi conselheiro fiscal da Cooperativa de Crédito Sicredi Sul.

08/07/2010

Douglas Saul Garcia (Presidente)

Rafael Gomes Silvério
(Tesoureiro, Diretor de eventos e Coordenador do Enterro do Imposto)

Mateus Monteiro Machado (Tesoureiro)

Gabriel Estevão da Silva
(Secretário e Coordenador do Feirão do Imposto)

Giovani de Souza Bernardo
(Diretor administrativo e Coordenador do Enterro do Imposto)

Carlos Eduardo dos Santos (Diretor de comunicação e Coordenador do Natal Solidário)

Suelen Medeiros Gomes (Diretora comercial)

Guilherme Gonçalves Pereira (Diretor institucional)

Leonardo Benedet (Diretor de tecnologia)

Filipi Benedet Guedes
(Diretor de tecnologia e Coordenador do Feirão do Imposto)

Ivan Tournier Campelli (Diretor de integração)

Kaio Fernandes (Diretor de integração)

Samuel Soares Sandrini
(Diretor de eventos e Coordenador do Natal Solidário)

Davi Cascaes Gonçalves (Diretor de eventos)

Luciano Rodrigues Marcelino (Conselheiro estratégico)

GABRIEL ESTEVÃO DA SILVA

Formado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, é sócio da Voice Comunicação e Design, agência de Comunicação e Marketing. Foi presidente da AJET; Vice-Presidente Sul do Conselho Estadual do Jovem Empreendedor de Santa Catarina – CEJESC e Conselheiro da AJET.

24/04/2012

Gabriel Estevão da Silva (Presidente)

Mahmmud Mohammad Mustafa Mashni (Tesoureiro)

Rafael Gomes Silvério (Secretário)

João Marcos da Silva (Diretor administrativo)

Gilberto Silva Junior (Diretor de comunicação)

Bruno José Palma (Diretor comercial)

Adalberto da Cruz Barbosa (Diretor institucional)

Carlos Eduardo dos Santos (Diretor social)

Leandro Venâncio (Diretor de tecnologia)

Bruna Ramos (Diretora de eventos)

Ronald Guimarães (Diretor de eventos)

Eduardo Domingos Fogaça (Diretor de eventos)

GIOVANI DE SOUZA BERNARDO

Com MBA em Gestão de Negócios e formação em Sales Skills pela Nova Southeastern University da Flórida, é sócio-diretor de Negócios das empresas Exxas Business e Interquímica do Brasil. É diretor de relacionamento com o Mercado na Associação Empresarial de Tubarão – ACIT, presidente do Comitê de Implantação do Centro de Inovação de Tubarão, diretor de o Jovem Empreendedor do Excelência SC e coordenador de planejamento da Confederação Nacional do Jovem Empresário – CONAJE. É ex-presidente e atual conselheiro da AJET, ex-diretor de Capacitação do Conselho Estadual do Jovem Empreendedor de Santa Catarina – CEJESC e ex-diretor de Relações com o Trabalho da Associação Brasileira de Recursos Humanos Seccional SC – ABRH/SC.

23/04/2013

Giovani de Souza Bernardo (Presidente)

Rafael Gomes Silvério (Vice-Presidente)

Adalberto da Cruz Barbosa (Diretor administrativo)

Mahmmud Mohammad Mustafa Mashni (Tesoureiro)

Gilberto Silva Junior (Diretor de comunicação)

Diego Passarela de Souza (Diretor de capacitação)

Carlos Eduardo dos Santos (Diretor institucional)

Carolina Winckler de Souza (Diretor de eventos)

Daniel Moreira (Coordenador do Almoço de Negócios)

Jaqueline Westphal
(Coordenadora de eventos de relacionamento)

Eduardo Domingos Fogaça
(Coordenador de eventos institucionais)

Leonardo Benedet (Conselheiro fiscal)

Ivan Tournier Campelli (Conselheiro fiscal)

RAFAEL GOMES SILVÉRIO

Formado em Administração Empresarial pela Universidade do Estado de Santa Catarina – ESAG/UDESC e especialista em Gestão Comercial pela Universidade Cândido Mendes – UCAM, atuou por mais de dois anos na ESAG Jr. Consultoria em Administração e teve uma breve experiência na Companhia de Bebidas das Américas – AmBev em Florianópolis. Atua como gerente administrativo na empresa familiar Ponto dos Colchões e Complementos, em Tubarão. Foi presidente da AJET e integra a Diretoria da Câmara de Dirigentes Lojistas de Tubarão – CDL.

30/04/2014

Rafael Gomes Silvério (Presidente)

Carolina Winckler Souza (Vice-presidente)

Daniel Martins Moreira (Diretor administrativo)

Adalberto da Cruz Barbosa (Tesoureiro)

Gabriela Oliveira (Diretora de marketing)

Douglas Mathiola (Diretor do Almoço de Negócios)

Pâmela Bressan (Diretora de capacitação)

Gabriel Estevão da Silva (Diretor de relações institucionais)

Luciano Rodrigues Marcelino (Conselheiro fiscal)

Douglas Saul Garcia (Conselheiro fiscal)

CAROLINA WINCKLER SOUZA

Administradora com MBA em Gestão de Negócios pela Universidade do Sul de SC – UNISUL, é diretora técnica na Exxas Gestão de Negócios. Atual presidente da AJET, é Vice-Presidente Regional Sul do Conselho Estadual do Jovem Empreendedor de Santa Catarina – CEJESC. Na AJET, atuou ainda como Vice-Presidente, Diretora de Eventos, bem como Diretora de Capacitação – UCC do CEJESC.

01/05/2015

Carolina Winckler Souza (Presidente)

Adalberto da Cruz Barbosa (Vice-Presidente)

Carlos Eduardo dos Santos (Diretor administrativo)

Alice Alberton (Diretora financeira)

Claudia de Souza Schmoeller (Diretora contábil)

Pamela Bressan (Diretora de capacitação)

Gabriela Oliveira (Diretora de marketing)

Douglas Mathiola (Diretor de Almoço de negócios)

Luiz Antônio Duarte (Diretor de eventos)

Ana Paula Hemkemeier (Diretora de comunicação)

Diego Fernandes (Diretor comercial)

Lilian Demo (Diretora de integração)

Marcelo Ribeiro (Diretor institucional)

Giovani de Souza Bernardo (Conselheiro fiscal)

Guilherme Gonçalves Pereira (Conselheiro fiscal)

A SEMENTE E O LEGADO: UM SONHO QUE SE REALIZA CONTINUAMENTE, UM ESTÍMULO PARA AS PRÓXIMAS GERAÇÕES

QUANDO OLHAMOS para a história de uma Associação Jovem como a Ajet, vemos nela, mescladas, as histórias de vários jovens empreendedores. Afinal, o associativismo nada mais é do que o comprometimento de uma classe, de um segmento, por resultados positivos em favor do coletivo. Mas ele carrega consigo sonhos, princípios, valores, propósitos, experiências, ações, propostas, crescimento e tantas outras características das pessoas envolvidas.

A Ajet conquistou respeito pelo seu pioneirismo, pela forma como foi canal, um meio para que várias gerações de jovens empreendedores manifestassem sua forma de pensar acerca da sociedade, e de contribuir com ela. No entanto, quando mergulhamos neste universo, percebemos que é preciso manter sua essência. E isso traz àqueles que prosseguem com o legado desta Associação, uma responsabilidade.

O espírito da Ajet é de colaborar para que o jovem tenha liberdade de expressar seus pensamentos e ideias, sem medo, afinal ele ainda está aprendendo muitas coisas. Sua preocupação, no entanto, está em criar meios para que este jovem, independente da época em que ele viva, alcance experiência e maturidade, seja por meio da convivência com os veteranos, seja pela exposição e a disponibilidade de correr certos riscos.

É claro, a atual geração colhe frutos plantados pela primeira e também traz consigo suas características peculiares, de planejar,

buscar representatividade, ampliar a rede de contatos, mas, igualmente e de modo atemporal, serve como inspiração para todos os jovens que buscam seu lugar ao sol, e atraem para si a atribuição de também fazer a diferença no meio em que vivem.

Os veteranos – ajetianos – são reconhecidos como aqueles que desbravaram. Ouvi-los motiva quem quer que seja, por meio das histórias, das curiosidades, que retratam os prazeres, as alegrias e as dificuldades que vivenciaram para que o associativismo jovem alcançasse seu lugar hoje consolidado.

Mesclar as várias gerações e perceber que o jovem mudou mas conserva sua intrepidez, sua ousadia, e que isso serviu e serve de combustível para que o associativismo jovem se espalhasse, é interessante, sob o aspecto do modelo que inspira.

No presente, a Ajet continua contribuindo com o desenvolvimento da sociedade. Jovens e mais jovens têm se achegado a este movimento. Até mesmo as mulheres, representadas aqui pela primeira mulher a assumir a presidência da entidade, em 2015, têm contribuído de modo significativo, reforçando que as diferenças não são de gênero, mas estão evidentes entre aqueles que desejam doar-se voluntariamente pelo coletivo e os que escolhem estar entre os espectadores.

Ações sociais agregam valor ao planejamento. O entrosamento dos *happy hours* que tiram a tensão do dia, também são ponto importante das caravanas que cruzam o estado catarinense – e, por vezes, rompem suas fronteiras – para a troca de ideias com jovens de outras localidades e regiões, mostrando que a diversidade é fator importante no crescimento e amadurecimento para a carreira e para a vida.

Que venham mais anos, mais gerações, mais lideranças, uns aprendendo com os outros, vencendo as barreiras culturais e de pensamentos, jogando na mesa as ideias e, dali, beneficiando a sociedade, que sempre será movida por pessoas.

LISTA DE SIGLAS USADAS NESTA OBRA

ABRH/SC	Associação Brasileira de Recursos Humanos Seccional SC
ACIF	Associação Empresarial de Florianópolis
ACIJ	Associação Empresarial de Joinville
ACIT	Associação Empresarial de Tubarão
ADRAM	Agência de Desenvolvimento Regional da AMUREL.
ADVB	Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing de Santa Catarina
AJET	Associação de Jovens Empreendedores de Tubarão
ALCUE	Redes de Universidades-Empresas
AmBev	Companhia de Bebidas das Américas
AMPE	Associação das Micro e Pequenas Empresas e dos Empreendedores Individuais
AMUREL	Associação dos Municípios da Região de Laguna
CDL	Câmara de Dirigentes Lojistas
CEJESC	Conselho Estadual de Jovens Empreendedores de Santa Catarina
CEME	Conselho Estadual da Mulher Empresária
CONAJE	Confederação Nacional dos Jovens Empresários
DLI	Dia da Liberdade de Imposto
ESAG	Escola Superior de Administração e Gerência
ExcelênciaSC	Movimento Catarinense pela Excelência
FACISC	Federação das Associações Empresariais de Santa Catarina
FATMA	Fundação do Meio Ambiente do Estado de Santa Catarina
FENABRAVE/SC	Federação Nacional dos Distribuidores de Veículos Automotores

FIESC	Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina
FUCAP	Faculdade Capivari
IBGC	Instituto Brasileiro de Governança Corporativa
IGLU	Instituto de Gestão e Liderança Universitária
MBE	Movimento Brasil Eficiente
NUCLEPAN	Núcleo de Panificadores
PIB	Produto Interno Bruto
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SANTACINE	Sindicato da Indústria Audiovisual de SC
SCGÁS	Conselho de Administração da Companhia de Gás de Santa Catarina
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESC	Serviço Social do Comércio
SINDILOJAS	Sindicato do Comércio Varejista
SINAPRO/SC	Sindicato das Agências de Publicidade de Santa Catarina
UCAM	Universidade Cândido Mendes
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UIMP	Rede Iberoamericana de Pós-Graduação
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina
UNIVALI	Universidade do Vale do Itajaí